



**LSPA**  
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO

A IMPORTÂNCIA DA ANSIEDADE DE SEPARAÇÃO  
MATERNA PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIO  
EMOCIONAL DA CRIANÇA

CRISTIANA CALDEIRA

Coordenador de Seminário de Dissertação:

PROFESSOR DOUTOR NUNO TORRES

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de: Mestre em  
Psicologia Aplicada  
Especialidade de Psicologia Clínica

2012

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Professor Doutor Nuno Torres, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

## Agradecimentos

A realização deste trabalho não teria sido possível sem o apoio, incentivo e compreensão de professores, colegas, amigos e familiares.

Entre os primeiros menciono o Professor Nuno Torres, coordenador do Seminário de dissertação, pela disponibilidade, interesse e estímulo para novas descobertas demonstradas ao longo do mestrado.

Este trabalho também não teria sido possível sem a generosa contribuição por parte da Linha 1 da UIPCDE do ISPA-IU de uma parte dos dados recolhidos no projeto “*O impacto do envolvimento paterno na dinâmica familiar e no desenvolvimento da criança*” PIHM/GC/0008/2008. Projecto de IC&DT financiado pela Fundação da Ciência e Tecnologia no domínio das relações sociais de género e das políticas para a igualdade entre mulheres e homens em Portugal. Agradecemos a todos os colaboradores da linha 1 da UIPCDE do ISPA\_IU, bem como as mães e educadoras que preencheram os questionários.

Entre os colegas e amigos que me apoiaram ao longo de todo este percurso gostaria de destacar Andreia, José, Nícia, Joana, Gustavo.

Por último, dedico este trabalho ao meu Pai e a minha Tia, pois sem eles todo este percurso teria sido impossível de realizar e completar.

A todos o meu sincero e verdadeiro agradecimento.

## Resumo

**Objectivo:** Este estudo teve como objectivo verificar de que forma Ansiedade de Separação Materna influencia o Desenvolvimento Socio Emocional da Criança. Neste estudo são apresentadas ideias sobre vinculação ou ligação afetiva da criança á sua mãe e de que forma essa ligação influencia o desenvolvimento socio emocional da criança. **Método:** Neste estudo participaram mães e educadoras de Crianças em idade pré-escolar entre os 2 e os 5 anos. As mães eram casadas ou viviam em união de facto e trabalhavam a tempo inteiro ou parcial. Para este estudo foram utilizados duas escalas, uma Escala de Competência Social e de Avaliação do Comportamento (SCAV) e uma Escala de Ansiedade de Separação Materna (ASM). **Resultados:** pode-se verificar que a ansiedade de separação da mãe está associada a uma serie de características sociodemográficas. Pode-se verificar também que não existem relações lineares entre os dois instrumentos, no entanto, verificou-se que os rapazes das mães com mais ansiedade de separação materna tem significativamente menos competência social, comparativamente com as raparigas. **Conclusão:** Pode-se concluir que de facto existe uma relação entre a ansiedade de separação materna e que esta tem influência no desenvolvimento socio emocional da criança a vários níveis, tais como, a competência social, agressividade e isolamento.

**Palavras-chave:** Ansiedade de Separação Materna; Desenvolvimento Socio emocional, Vinculação, Competência Social

## Summary

**Objective:** This study aimed to verify how Maternal Separation Anxiety influences Socio Emotional Development of the Child. In this study are presented ideas about binding or emotional connections to her mother's and how that connection influences the socio emotional child. **Methods:** This study involved mothers and educators of children in school age between 2 and 5 years. The mothers were married or living unmarried and working full time or part time. For this study we used two scales, a Scale of Social Competence and Behavior Rating (SCAV) and a range of Maternal Separation Anxiety (ASM). **Results:** it can be seen that the separation anxiety of the mother is associated with a number of socio demographic characteristics. It can also be seen that there is no linear relation between the two instruments, however, it was found that the sons of the mothers with more maternal separation anxiety has significantly less social competence compared with daughters. **Conclusion:** We can conclude that there's indeed a relation between maternal

separation anxieties and that this influences the socio emotional child at various levels, such as social competence, aggression and isolation.

Keywords: Maternal Separation Anxiety; Socio emotional, Linking, Social Competence

## Índice

Apresentação .....	1
Enquadramento Teórico.....	3
<i>A Angustia e o Medo</i> .....	6
<i>O Papel do Comportamento dos Pais no Medo da Escola</i> .....	12
<i>A Angustia Materna de Separação</i> .....	13
<i>A Separação Individuação Segundo Mahler</i> .....	14
<i>A Teoria de Winnicott</i> .....	16
<i>Os Processos de Separação entre a Mãe e a Criança</i> .....	17
<i>O Sistema de Prestação de Cuidados</i> .....	19
<i>A Ansiedade de Separação Materna e Desenvolvimento Social</i> .....	28
<i>Desenvolvimento Social e Competência Social</i> .....	30
<i>Objetivos do Presente Estudo</i> .....	35
Método.....	36
<i>Participantes</i> .....	36
<i>Instrumentos</i> .....	36
<i>Procedimento</i> .....	38
<i>Recolha de Dados</i> .....	38
<i>Análise de Dados</i> .....	38
Resultados .....	39
<i>Primeira parte dos resultados</i> .....	39
<i>Segunda Parte dos Resultados</i> .....	47
Discussão .....	49
Referências.....	54
Anexos .....	pp
Anexo A- Escala de Competência Social e de Avaliação do Comportamento (SCAV).....	57
Anexo B- Escala de Ansiedade de Separação materna (MSAS).....	59
Anexo C- output 1-15 Valores da Consistência Interna do SCAV.....	62
Anexo D- output 16-33 Valores da Consistência Interna MSAS.....	67
Anexo E- output 34- Estatística Descritiva da Variável Idade na Entrada na Creche MAS.....	73
Output 35- Estatística Descritiva da Variável Número de Horas Diárias que passa na Creche MSAS	
Output 36- Estatística Descritiva da Variável idade da Mãe e do Pai MSAS	

Anexo F- output 37 Estatística Descritiva da Variável idade de Entrada na Creche SCAV.....	74
Output 38 Estatística Descritiva da Variável Número de Horas Diárias que Passa na Creche SCAV	
Output 39- Estatística Descritiva da Variável idade da Mãe e do Pai SCAV	
Anexo G- output 40 Correlação entre os Dois Instrumentos SCAV E MSAS.....	75

## Lista de Figuras e Tabelas

Tabela 1- <i>Relação entre a variável Estado Civil e SCAV e MSAS</i> .....	40
Tabela 2- <i>Relação entre a variável Idade de Entrada na Creche (ICA) e SCAV e MSAS</i> .....	41
Tabela 3- <i>Número de Horas Diárias que Passa na Creche e SCAV E MSAS</i> .....	42
Tabela 4- <i>Existência de Irmãos e MSAS e SCAV</i> .....	43
Tabela 5- <i>Relação entre a variável idade da Mãe e do Pai e SCAV e MSAS</i> .....	44
Tabela 6- <i>Relação entre o Estatuto Laboral da Mãe e MSAS</i> .....	45
Tabela 7- <i>Relação entre a variável Sexo e a Escala de SCAV e MSAS</i> .....	46
Tabela 8- <i>Relação entre os Três Níveis de MSAS e SCAV</i> .....	48
Figura 1 e 2- <i>Relação entre a variável Estado Civil e SCAV e MSAS</i> .....	40/41
Figura 3 e 4- <i>Relação entre a variável Existência de Irmãos e a Dimensão Ansiedade de Separação Materna e Percepção dos efeitos de Separação na Criança</i> .....	43/44
Figura 5 e 6- <i>Relação entre a variável Sexo e as Dimensões Competência Social e Agressividade</i> .....	46/47
Figura 7- <i>Relação entre os Dois Instrumentos SCAV e MSAS (Diferentes Níveis de Ansiedade) e a Variável Sexo Masculino</i> .....	48

## Apresentação

A arte de educar um filho não se constitui numa tarefa fácil, pois os cuidados com a criança se mostram constantes e permanentes, tornando-se a chave principal para a saúde de toda e qualquer criança. Mesmo tendo ela alcançado um certo grau de desenvolvimento e independência. Como tal, é necessário conhecer as inúmeras condições sociais e psicológicas que influenciam, positiva ou negativamente o seu desenvolvimento.

Isso acontece porque a criança não é um organismo capaz de vida independente, necessitando portanto, de uma instituição social especial que a ajude durante o período de imaturidade. Neste sentido, a família tem dupla função no seu papel estruturador. Primeiramente na satisfação das necessidades básicas como a alimentação, calor, abrigo e proteção, proporcionando um ambiente no qual possa desenvolver ao máximo as suas capacidades físicas, mentais e sociais (Bowlby 1998). Para que a criança cresça de uma forma saudável no seu meio social e físico é necessário uma atmosfera de afeição segura.

A esta atmosfera de segurança Bowlby denominou de comportamento de vinculação definindo como: “ qualquer forma de comportamento que resulte em uma pessoa (criança) alcançar e manter a proximidade com algum outro indivíduo claramente identificado (mãe), considerado mais apto para lidar com mundo”.

O sentimento e o comportamento da mãe em relação ao seu bebê são bastante importantes para criança para que esta desenvolva as suas capacidades mentais, físicas e sociais de forma adequada. No entanto, as características da mãe são profundamente influenciadas pelas suas experiências pessoais prévias, especialmente as que ainda estejam a experienciar com os seus próprios pais. É este padrão de relacionamento parental que dá origem á forma como ambos os pais irão prestar cuidados aos seus filhos promovendo ou não as suas necessidades físicas e emocionais.

É neste sentido que Bowlby (1989) reforça a importância dos pais fornecerem uma base segura a partir da qual uma criança ou um adolescente pode explorar o mundo exterior e a ele retornar, certos de que serão bem-vindos, nutridos física e emocionalmente, confortados se houver um sofrimento e encorajados se estiverem ameaçados. A consequência dessa relação de vinculação é a construção, por volta da metade do terceiro ano de idade, de um sentimento de confiança e segurança da criança em relação a si mesma e, principalmente, em relação àqueles que a rodeiam, sejam estas as suas figuras parentais ou outros integrantes de seu círculo de relações sociais.

Como tal, as figuras parentais tem aqui uma grande importância, no sentido em que são estes que vão estimular por volta dos 3 anos de idade a individuação e autonomia da criança, permitindo que esta faça as suas explorações. No entanto, existem determinado tipo de mães que

não conseguem estimular essa individuação e autonomia da criança, não conseguindo assim, separarem-se dos seus filhos, o que por sua vez, irá influenciar o desenvolvimento da criança em diversos níveis.

Neste sentido, importa estudar a ansiedade de separação materna e de que forma esta pode influenciar o desenvolvimento sócio emocional da criança.

## Enquadramento Teórico

Segundo Margaret Mahler após o nascimento do bebé os processos de simbiose e posteriormente de individuação assim como a qualidade de vinculação são importantes para o desenvolvimento adequado da criança em todos os âmbitos da saúde. Obstáculos podem atrapalhar esse desenvolvimento, como a saúde mental da mãe ou do cuidador. (Mahler, (1977)

Como tal, Bowlby propõe-se a estudar algumas destas questões, assim como, o tipo de vinculação que a criança tem com a mãe como também as reações das crianças ao se separarem das suas mães. Alguns estudos de Bowlby descrevem os cuidados que requerem as crianças que não dispõem das atenções das suas mães (Bowlby, 1984).

Estes estudos demonstram alguns estados de angústia vividos pela criança. Estados de angústia e de depressão que se manifestam na idade adulta, assim como, condições psicopáticas, podem ser associadas de forma sistemática, segundo se afirma, os estados de angústia desespero e desvinculação que facilmente se manifestam sempre que uma criança se separa por largos períodos da sua figura materna, sempre que se espera uma separação, ou como às vezes acontece perder a mãe definitivamente. Este tipo de vivência na primeira infância é bastante importante, uma vez que, vai determinar o desenvolvimento do sujeito, e por conseguinte a sua saúde (Bowlby, 1984).

No entanto, não deixa de ser curioso porque é que alguns indivíduos se recuperam, ampla ou completamente, após as experiências de separação e de perda, ao passo que outros não parecem ter condições de recuperação. A questão da reação diferenciada ganha alguma relevância. As condições que, presumivelmente, contribuem para a variabilidade das reações podem ser vistas por dois ângulos principais: condições intrínsecas á separação ou intimamente associadas a ela, mais importantes são as condições nas quais as crianças recebem cuidados, quando afastada da sua mãe; condições que cercam a vida da criança em termos de períodos mais largos, mais relevantes são as relações que ela mantém com os seus pais nos meses ou anos que precedem e seguem o acontecimento (Bowlby, 1984).

Foram feitos alguns estudos onde se pode verificar as reações das crianças em contextos diversos (Bowlby, 1984). As crianças foram observadas em condições diversas uma das situações era uma creche comum instalada em uma residência, a criança é colocada num local estranho, junto de pessoas estranhas, nenhuma das quais está em condições de lhe dar mais do que limitada atenção ou afecto maternal. Por outro lado, foi considerada a casa de adopção onde a criança recebe cuidados eficientes, o dia inteiro, da mãe adoptiva que em certa medida já lhe é familiar. Estas condições vão gerar reações intensas na criança tais como o protesto, desespero e desvinculação. Também foi observado o comportamento das crianças durante a separação. As

crianças foram levadas á creche pelos pais, pelas mães ou pelos dois juntos. Quatro destas crianças que foram levadas pelos pais, ficaram junto deles e davam sinais de angústia e de controle dos seus movimentos. Outras crianças que foram levadas pelos dois (pai e mãe), pareciam mais confiantes e mostraram-se dispostas a explorar o novo ambiente, aventurando-se a sair perto dos pais aos quais voltavam depois de um afastamento breve ou longo (Bowlby, 1984).

No momento da separação o choro e os gritos eram a regra. No momento de dormir as crianças também choravam. Pode-se assim concluir, que chamar pelos pais, sobretudo pela mãe foi uma reação dominante Embora tenha diminuído ao longo do tempo (Bowlby, 1984).

Estando orientados para os pais ausentes, os bebês não se mostravam com disposição para colaborar com as enfermeiras nem para receber conforto da parte delas. Passado algum tempo embora a posição das enfermeiras continuasse a mesma, as crianças também passaram, ocasionalmente a procurar nelas alguma resposta animadora ou afetuosa (Bowlby, 1984)

O objecto de estimação que algumas crianças trouxeram de suas casas, tornou-se importante, uma vez que, nos primeiros dias as crianças apegaram-se bastante a estes objectos. Em contrapartida existiam outras crianças que perdiam o controle e agrediam o objecto de estimação, existindo por vezes uma quebra de controle dos esfíncteres. (Bowlby, 1984)

Algumas crianças entraram na creche na companhia de um irmão Tal como, esperado, a frequência e a intensidade de reações típicas das crianças que são deixadas em creches foram bem menos acentuadas no caso dessas crianças do que nas outras. Elas choravam menos e apresentaram menos comportamentos hostis. Nos primeiros dias os irmãos procuravam frequentemente a companhia um do outro, conversando e brincando juntos (Bowlby, 1984).

Também se manifestaram alguns comportamentos quando a criança volta a reencontrar a mãe. Ao rever a mãe, após dias ou semanas de afastamento, cada criança manifestou alguma desvinculação. (Bowlby, 1984).

Pode-se assim verificar de acordo com estudos anteriores que a desvinculação é típica no reencontro com a mãe, quando a criança que dela se separou torna a vê-la, sendo muito menos evidente no reencontro com o pai. Também se pode constatar que a duração da desvinculação em relação á mãe está significativamente ligada ao tempo de afastamento (Bowlby, 1984).

Contudo também se pode verificar que crianças de lares harmoniosos, separadas pelas suas mães por diversos motivos, também demonstram comportamentos de protesto e de desvinculação (Bowlby, 1984).

Não há dúvida de que certas variáveis, combinadas com a ausência da figura materna, aumentam o grau de perturbação. Por exemplo, quanto mais estranhos são os ambientes e as pessoas maiores a sua perturbação, durante e após a fase de separação. Diversos autores afirmam

que a presença ou ausência da mãe é a variável chave na determinação da sequência protesto, desespero e desvinculação (Bowlby, 1984).

No entanto, existem algumas condições que diminuem a intensidade das reações de crianças que são separadas das suas mães, tais como, a presença de uma pessoa conhecida, os cuidados maternos de uma mãe substituta. Tal como era de se esperar, a perturbação é mínima quando essas duas condições se conjugam, o que acontece quando a criança que fica no seu lar sob os cuidados de uma das avós (Bowlby, 1984).

A duração do período de perturbação depende, em parte da idade da criança, e em parte, da habilidade da mãe adoptiva, ou seja, da sua capacidade de ajustar o seu comportamento ao comportamento da criança aflita que, por vezes, tem medo e assume atitudes de rejeição. Consequentemente, embora a aflição possa ver-se atenuada em virtude da presença de uma pessoa conhecida e dos cuidados de uma mulher carinhosa, mas estranha, cada um desses factores está sujeito a sérias limitações (Bowlby, 1984).

Como já foi referido anteriormente a presença e ausência da figura materna é uma variável chave para toda a compreensão da separação. Neste sentido, pode-se chegar a algumas conclusões, pode-se verificar que a sequência de protesto intenso, seguido de desespero e de desvinculação, deve-se a uma combinação de factores, cujo centro é a conjunção de pessoas estranhas, eventos estranhos e a ausência de cuidados maternos, da própria mãe ou de uma substituta capaz. Tendo em conta, que a separação da figura materna, ainda que ocorra na ausência dos diversos factores, conduz á tristeza, á raiva e á subsequente angústia, nas crianças com mais de oito anos de idade, bem como as reações comparáveis, embora não tão diferenciadas em crianças com menos de dois anos, a separação da figura materna é, por si mesma, uma variável chave na determinação do estado emocional e do comportamento das crianças (Bowlby, 1984).

Por figura materna, entende-se aquela pessoa para a qual a criança orienta, de acordo com as suas preferências, o seu comportamento de vinculação. Por mãe substituta entende-se por qualquer outra pessoa para a qual a criança está disposta, provisoriamente, a dirigir seu comportamento de vinculação. Lembrando que um indivíduo, á medida que evolui orienta o seu comportamento de vinculação para as outras pessoas, sem ser a mãe ou de alguém que atue na condição de mãe substituta, é oportuno dispor de alguns termos que não estejam especificamente associados á relação filho-genitor. Qualquer pessoa para a qual se oriente o comportamento de vinculação chama-se “figura de vinculação” ou “figura de apoio (Bowlby, 1984).

“Presença” e “ausência” são termos relativos, no entanto, considera-se “presença” quando existe um acesso imediato e “ausência” significa inexistência de acesso. As palavras separação e

perda, segundo Bowlby indicam sempre que a figura materna do indivíduo não é acessível temporariamente (na separação) ou permanentemente (na perda) (Bowlby, 1984).

Contudo, o facto de uma criança ou de um adulto encontrar-se em estado de segurança, de angústia ou de aflição fica determinado, pela acessibilidade e pela receptividade que o sujeito tem á sua figura de vinculação (Bowlby, 1984).

Torna-se importante pensar no lugar que a separação ocupa no mundo interno do sujeito. Segundo Bowlby a fase de protesto coloca o problema da angústia de separação, o desespero coloca a questão do desgosto e do luto, a desvinculação relaciona-se com a defesa. Formulou-se então a tese de que os três tipos de reacção como a angústia de separação, desgosto luto e defesa são fases de um único processo, e só chegam a ter a sua verdadeira designação quando encaradas por esse prisma (Bowlby, 1984).

### *A ANGUSTIA E O MEDO*

Freud define angústia como “ sentir falta de alguém que se ama e de deseja”, Freud considera que “é o elemento chave para a compreensão da angústia” (Bowlby, 1984).

Neste sentido, Bowlby considerou que a separação e a perda eram factores importantes e que estavam na base de algumas patologias. Alguns estudos atestam que experiências de separação e de perda, ocorridas no passado imediato ou em anos anteriores, desempenham um papel relevante no surgimento de muitas condições clínicas (Bowlby, 1984).

De acordo com a teoria de Bowlby tanto as crianças pequenas como os bebés ficam satisfeitos quando estão ao lado de uma figura materna receptiva, e percebemos que se a criança já tiver a capacidade de se movimentar tem a tendência a explorar, confiante e corajosamente, o mundo que a rodeia. Quando esta figura materna não está presente na vida da criança, esta mais cedo ou mais tarde tende a mostrar-se aflita, reage mal mediante situações que lhe são estranhas e inesperadas. Além disso quando a figura materna está ausente ou não é encontrada, a criança tende a agir no sentido de detê-la ou encontrá-la e manifesta angústia enquanto não encontra a sua mãe (Bowlby, 1984).

No entanto, existem algumas variáveis responsáveis pelas diferenças individuais. Como tal, deve-se admitir que as diferenças genéticas têm alguma importância ao explicar a desigualdade entre os indivíduos, com respeito á sensibilidade e á angustia (Bowlby, 1984).

Acredita-se que existem certas diferenças na sensibilidade á angustia entre homens e mulheres. A cultura também pode ser um factor que minimize tais diferenças, ou por outro lado as exagere (ex: em certas culturas o homem não pode ter medo, não se sentido por isso angustiado ao

contrário do sexo feminino em que já lhe permitido sentir medo e é aceitável socialmente a angústia.) (Bowlby, 1984).

Dados de quatro fontes apoiam a ideia de que há uma diferença na susceptibilidade á angústia entre os sexos. Nos estudos realizados por Jersild & Holmes (1935) com crianças que frequentavam, o infantário verificou-se que a angústia manifesta-se em maior percentagem em meninas do que meninos. (Bowlby, 1984).

Também foram entrevistadas mães de crianças de seis e doze anos, Lapouse & Monk (1959) notaram que as meninas tem mais medo de estranhos e de animais, particularmente de cobras, do que os meninos. Em dois estudos, nos quais crianças dessas mesmas idades foram directamente entrevistadas, as meninas, mais do que os meninos, relataram situações de que teriam medo (Bowlby, 1984).

Estudos epidemiológicos de acidentes psiquiátricos, relatam que as mulheres sofrem de estados de angústia quase duas vezes mais frequentemente do que os homens (Bowlby, 1984).

Nos casos em que existem crianças autista, estas são crianças que revelam uma completa ausência de vinculação, associado a muitas indicações de medo crónico. Este medo crónico e difuso não pode ser atenuado pela figura materna, uma vez que, estas crianças também temem a figura humana (Bowlby, 1984).

É importante que ao longo do desenvolvimento da criança exista um processo de interação entre ela e o ambiente, para que esta se torne apta para responder ao medo, no entanto, existem certas tendências no desenvolvimento que se acomodam as variações ambientais e deixam de ser percebidas por grande maioria dos indivíduos. (Bowlby, 1984).

De acordo com vários estudos, nos primeiros dois anos de vida, a criança aumenta as situações que teme, estas situações abrangem em especial situações com animais, a escuridão e separação, a partir do quinto ano de vida, muitas vezes antes disso, a criança tende a tornar-se cada vez mais discriminadora em relação às situações a que tem medo, relevando-se cada vez mais competentes para enfrentar as situações a que antes o assustavam (Bowlby, 1984).

Tal como, existem situações que desencadeiam o medo também existem experiências e processos que reduzem a susceptibilidade ao medo. Um dos processos mais importantes é a confiança crescente na acessibilidade á figura materna. Assim como, as ameaças e a punição também influenciam a forma como é sentido o medo numa dada situação (Ex: escuridão, abandono) (Bowlby, 1984).

Já foi referido anteriormente, quais as condições que despertam medo a fim de deixar claro o quanto é relevante a variável de estar sozinho ou de dispor de um companheiro em que se confia. Na presença de alguém que merece a nossa confiança, diminui o medo em várias situações, quando

estamos sós o medo aumenta. Considerando que ao longo da vida, as pessoas que mais confiança merecem são as figuras de vinculação, decorre que o grau da nossa sensibilidade ao medo gira, em grande parte, ao redor da presença ou da ausência da figura de vinculação e da inacessibilidade da figura materna é um factor importante. (Bowlby, 1984).

A figura materna deve ser acessível e deve estar disposta a responder de forma, adequada, ou seja, quando a criança sente medo, esta deve agir como protetora e ofereça conforto á criança. Apenas quando uma figura materna é acessível e se mostra potencialmente receptiva, é que entendida como verdadeiramente disponível. A palavra disponível, implica que a figura materna esteja acessível e receptiva (Bowlby, 1984).

De acordo, com uma perspectiva psicanalítica a confiança que uma pessoa possa ter ou deixar de ter na disponibilidade de uma figura materna é vista como algo que resulta do facto de essa pessoa ter introjectado (ou deixado de introjectar) um bom objecto (Bowlby, 1984).

Dependendo das experiências que cada criança tem com as suas figuras de vinculação, assim vão desenvolver um padrão de vinculação, estas vivências podem muitas vezes ser angustiantes para a criança. De acordo, com os estudos descritos anteriormente onde se faz referência às crianças de dois e quatro anos que demonstravam um comportamento possessivo em relação á figura que era a prestadora de cuidados naquele momento, o mesmo comportamento se verificava em relação as mães quando voltavam para casa. Estas são crianças ciumentas, possessivas, imaturas e superdependentes em relação á figura de vinculação. Segundo Bowlby, entende-se por uma criança superdependente aquela que manifesta comportamentos de vinculação mais frequentes ou mais intensos do que aquilo que se considera apropriado. Este tipo de comportamento deve-se ao facto da criança não ter a certeza de que as figuras de vinculação sempre estarão próximas e se mostrarão receptivas quando ela o desejar. Neste sentido, a criança adota a estratégia de permanecer junto da figura materna de forma a assegurar-se, tanto, quanto possível, de que a terá ao seu alcance. Bowlby considera em casos em que exista superdependência que a criança vive uma “ vinculação com angústia” ou “vinculação com insegurança”. É notável que o cerne da questão está no medo que a criança tem que as figuras de vinculação se tornem inacessíveis ou sem receptividade. A expressão de angústia refere-se á vontade que a pessoa tem de manter estreita relação com a figura materna e o medo persistente que a relação termine. Estas crianças têm bastante medo da separação, no entanto, esta separação tem base na realidade, estas são crianças que já experienciaram situações de abandono (Ex: hospitalização) (Bowlby, 1984)

Tizard & Tizard (1971) levantaram alguns dados sobre o comportamento de vinculação e do medo em crianças criadas sem a presença de uma figura materna permanente. (Bowlby, 1984).

Pode-se concluir através dos estudos realizados em relação ao comportamento de vinculação e de medo, que as crianças da creche mostraram-se significativamente mais angustiadas, no que diz respeito, á vinculação e com um medo mais significativo em relação aos estranhos (Bowlby, 1984).

Um estudo de Fagin (1966), acerca do comportamento de dois grupos de crianças que retornaram ao lar após breve estadia (de um a sete dias) num hospital. As mães de trinta crianças ficaram no hospital fazendo-lhes companhia, as mães de trinta outras crianças apenas as visitavam diariamente (Bowlby, 1984)

Pode se verificar que tanto numa semana como num mês após o retorno á casa o comportamento das crianças que haviam ficado desacompanhadas foi dado como mais desassossegado do que antes da interação. Uma breve separação perturbava estas crianças muito mais do que antes da hospitalização e também foram consideradas como mais dependentes. Nenhuma destas observações mais adversas foi observada, nas crianças cujas mães as acompanharam no hospital. Os relatos das mães mostraram que as crianças de desenvolveram sob aqueles aspectos, sugerindo que a presença da mãe, em uma ocasião potencialmente perturbadora dará á criança a confiança de que numa situação difícil ela terá a sua assistência. Pode-se assim concluir que a separação tem um efeito especialmente negativo sobre as crianças, São várias as evidências de que as relações pais filhos, antes e depois da separação desempenham um papel importante quando se vai interpretar os resultados diferenciais após uma separação (Bowlby, 1984).

Investigações feitas após as crianças terem atingido os onze e quinze anos revelou, que o padrão de comportamento de vinculação seguro durante os primeiros cinco anos de vida tendia a permanecer, fosse esta uma vinculação com ou sem angústia, ou então um certo grau de desvinculação (Bowlby, 1984).

Segundo Burlingham & Freud (1944) “ a criança é tanto mais agarrada, quanto mais tenha a convicção íntima de que a separação se repetirá.” São diversas as teorias que se propõe a estudar o grau de superdependência ou de angústia de separação. Segundo Freud, algumas crianças mais do que outras, têm em sua constituição maior parcela de exigências libidinosas e, assim, mostram maior sensibilidade quando privadas daquilo que lhes é agradável (Bowlby, 1984).

Segundo Klein algumas crianças, mais do que, outras têm inerentemente instinto de morte mais pronunciado, que se manifesta através de uma angústia persecutória e depressiva bastante intensa (Klein, 1932). Como se pode, verificar tanto Freud como Klein dão ênfase a factores constitucionais (Bowlby, 1984).

Autores como Greenacre dão especial importância a factores ambientais, considerando que as diversidades no processo de nascimento e traumas severos durante as primeiras semanas de vida, pós natal podem acentuar a resposta da angústia e elevar a angústia potencial provocando reações mais intensas (Bowlby, 1984).

Freud ainda considera, que algumas crianças são “ estragadas” pelo excesso de prematura satisfação libidinosa, pedem mais e quando não recebem ressentem-se mais (Bowlby, 1984).

De acordo com Edelson e Bowlby algumas crianças tornam-se excessivamente sensíveis á possibilidade de separação ou perda de amor, pelo facto de terem tido experiências de separação ou sofrida ameaça de abandono ou de perda do amor (Bowlby, 1984).

No entanto, nunca se veio a confirma a tese de Freud que a vinculação com angústia é decorrente do excesso de afecto dos pais (Bowlby, 1984).

As evidências demonstram que alguns casos de vinculação com angústia são consequência de uma separação ou de ameaças de abandono do risco de perder um dos pais (ex: quando eles se desentendem), no entanto, nem todos os casos se explicam da mesma forma. Importa assim saber quais os antecedentes da superdependência. Entende-se por superdependência as crianças que demonstram uma vinculação com angústia e também abrange as crianças que são menos autónomas que outras da mesma idade na execução de tarefas comuns, estas são crianças que precisam bastante do adulto (Bowlby, 1984).

Os resultados de pequenos estudos são compatíveis com a concepção de que a maioria se não a totalidade dos casos de vinculação com angústia pode ser entendida como consequência de uma sucessão de experiências de abandono. Estas são crianças excessivamente agarradas ao adulto demonstrando alguma angústia e muito pouco autónomas (Bowlby, 1984).

De acordo com uma perspectiva psicanalítica a angústia sentida pela criança deve-se às ameaças sentidas por parte dos pais, relativas á negação do amor ou ao abandono. Estes são casos em que os pais exigem aberta ou encobertamente, que a criança cuide deles, invertendo assim os papéis. Em tais casos, são os pais e não os filhos, os superdependentes (Bowlby, 1984).

Anteriormente, fez se referência á raiva dirigida á figura materna, devido á separação ou á ameaça de separação. É importante perceber as causas dessa reacção e relacionar com as relações com vinculação e com medo (Bowlby, 1984)

Bowlby chamou atenção para a frequência com que a raiva surge após uma perda, não só em crianças mas também em adultos. O autor sugeriu que sendo a separação temporária com se dá na grande maioria dos casos, a raiva tem duas seguintes funções, esta pode auxiliar a criança a conseguir ultrapassar os obstáculos até ao reencontro, e também pode desencorajar a pessoa amada de afastar-se novamente (Bowlby, 1984).

Quando a perda é definitiva, como no caso de afastamento sem volta, a raiva e a conduta agressiva ficam privados da sua função. A pessoa que está a fazer o luto não acredita que a perda é permanente, como tal continua agir como se ainda fosse possível encontrar e recuperar a pessoa perdida e reprová-la pelo que tenha feito. A pessoa perdida é vista como responsável pelo aconteceu, ou seja, pela sua ausência. Em consequência a raiva começa por se dirigir contra a pessoa amada, assim como contra as outras que se julgue haverem ajudado á perda ou para impedir o reencontro. Neste sentido, a raiva está relacionada com o facto de o sujeito ter a esperança de recuperar a figura perdida (Bowlby, 1984).

Assim, quando a separação é temporária ou quando se acredita que será temporária, é comum surgir a raiva dirigida contra a pessoa ausente. Nesta forma funcional, a raiva manifesta-se como reprovação e punição, que tem como fim o de auxiliar no reencontro e o desestimular uma nova separação. Por conseguinte, embora a raiva seja dirigida contra o outro atua no sentido de não romper a ligação (Bowlby, 1984).

A raiva disfuncional ocorre sempre que uma pessoa, criança ou adulto vive intensamente essa raiva é dirigida ao parceiro, mas a ligação entre estes tende a enfraquecer e não a fortalecer e o parceiro acaba por afastar-se (Bowlby, 1984).

Pode-se assim concluir que, situações de separação e perda tendem a resultar em raiva dirigida contra uma figura de vinculação. A raiva quando é intensificada torna-se disfuncional. As separações quando são muito prolongadas ou repetidas têm dupla consequência: por um lado surge a raiva, e por outro atenua o amor. Assim o comportamento de raiva devido ao descontentamento do sujeito pode não apenas afastar a figura de vinculação, mas ainda provocar serias alterações no próprio indivíduo, vivendo este numa angústia intensa. Como tal, a angústia e a raiva são dois tipos de comportamento que se dirigem contra a figura materna, a vinculação com angústia destina-se a manter o máximo de acessibilidade dessa figura, a raiva é uma repreensão pelo que aconteceu. Assim o amor, angústia e raiva e por vezes ódio são despertados pela mesma pessoa (Bowlby, 1984).

Nem sempre existe um equilíbrio nas reações dirigidas contra a figura materna, o que por vezes por diversos motivos levam o sujeito a reprimir a raiva e a hostilidade dirigidas contra uma pessoa amada ou de as deslocar, ou seja, projetá-las para os outros em vez se dirigir essa raiva para si mesmo. Esta somatização da raiva tem consequência na saúde mental do sujeito futuramente, influenciando assim o desenvolvimento sócio emocional (Bowlby, 1984).

A susceptibilidade que um individuo tem ou não em enfrentar uma situação de medo é determinada, em boa parte pelo tipo de previsão que ele faz quanto á probabilidade de estar ou não acessível a figura materna. Como tal, a forma como sujeito vive e sente o medo esta relacionada

com o indivíduo sente presente a figura materna. Quando o sujeito sente a figura materna como ausente e inacessível o medo intensifica-se vivendo este uma persistente angústia que se vai manifestar como um medo intenso a este medo podemos-lhe dar o nome de fobia. No caso da fobia, o mais temido é a presença de uma situação que a pessoa se esforça por evitar ou de que rapidamente se afasta, e que outras pessoas a sentem sem medo. No caso da pseudofobia, o mais temido é a ausência ou perda da figura materna ou de uma base segura a qual o sujeito recorre em caso de aflição. A forma mais adequada de lidar com a pseudofobia é dá-las como um estado de angústia, estas são pessoas que estão num estado angústia agudo em relação á possibilidade de ter ao seu alcance as figuras materna (Bowlby, 1984).

### *O PAPEL DO COMPORTAMENTO DOS PAIS NO MEDO DA ESCOLA*

Foram realizados alguns estudos sobre a fobia escolar, ou seja, a recusa á escola (Johnson, 1941 & Warren, 1948). Ambas referem-se á forma como as crianças se recusam a frequentar a escola se pressionadas a ir sentem uma grande angústia. A maioria destas crianças permanece em casa durante o período escolar, este tipo de acontecimento acompanha sintomas psicossomáticos (ex. anorexia, náuseas). Regra geral, as relações entre os pais e os filhos são estreitas e por vezes sufocantes. A criança não tem medo do que acontecerá na escola, teme sair de casa. Vários autores confirmam esta constatação e concordam que o pico de medo é atingido antes da criança sair de casa ou no caminho para a escola. Uma vez que, a situação temida é a de sair de casa, a expressão fobia á escola não é adequada. Como tal, Johnson abandonou a expressão fobia á escola que havia defendido em 1941 e substituiu por “angústia de separação” (Bowlby, 1984).

Vários autores abordam diferentes perspectivas em relação ao assunto da recusa á escola. De acordo, com diversos autores a recusa á escola pode ser vista como produto de um ou mais dos quatro seguintes e principais padrões de interação familiar. No padrão A a mãe (raramente o pai) sofre de angústia crónica relativamente às figuras de vinculação e retêm a criança em casa, para servir-lhe de companhia. No padrão B a criança teme que alguma coisa ruim aconteça á mãe, enquanto está na escola e assim permanece em casa para impedir a ocorrência. No padrão C a criança teme que alguma coisa ruim aconteça a ela própria, caso esteja longe de casa, e assim fica em casa, por cautela. Por fim no padrão D a mãe teme que alguma coisa ruim aconteça á criança na escola e por isso a conserva em casa. Os autores consideram que o padrão A é o mais comum e pode combinar com qualquer outro (Bowlby, 1984).

Hoje em dia é bastante reconhecido o padrão A. Na maioria dos casos a mãe é o agente principal (Bowlby, 1984).

## *ANGUSTIA MATERNA DE SEPARAÇÃO*

A mãe que retém o filho em casa para servir-lhe de companhia talvez faça de forma consciente ou talvez não tenha essa consciência do porquê da sua atitude. É frequente que a mãe não se dê conta das pressões que esta a exercer sobre o filho e acredita que esta agir para bem do seu filho. Em alguns casos a situação que desencadeia todo o conflito é quando a criança faz uma coisa mal sem importância e a mãe o trata como fosse algo muito mais sério. A criança é mantida em casa, aparentemente para convalescença, gradualmente a mãe vai apresentando ao seu filho um quadro de que ele não tem potencialidades para o mundo escolar, como tal, necessita sempre dos cuidados da mãe. Noutros casos, mães hesitam em deixar os seus filhos na escola de tal forma que a criança desenvolve angústia em relação á escola sentindo-se culpado por apreciar a companhia de outros que não a mãe. Sempre que presente este padrão familiar, verifica-se que a mãe mostra intensa angústia em relação á figura materna e inocentemente inverte a normal relação mãe-filho, pois quer que o filho assuma a figura materna, enquanto reserva para si a figura de filho. Assim espera-se que o filho cuide da mãe e esta procura ser cuidada e confortada pelo filho. Esta situação vivenciada pela criança vai influenciar o seu desenvolvimento sócio emocional. Uma sintomatologia parecida á “fobia escolar” é a agorafobia. Em ambos os casos o paciente revela receio de ir a um lugar onde se encontram muitas outras pessoas, o paciente mostra a tendência de recear várias outras situações, em ambos os casos o paciente mostra-se susceptível a ataques de angústia, revela depressão e apresenta sintomas psicossomáticos. Nestes casos o paciente é “superdependente” é filho de pais que sofrem de longa neurose e muitas vezes encontra-se sob o domínio da mãe “superprotectora”. É significativo o número de pacientes com agorafobia que mostrou em criança recusa á escola. Tal como na fobia escolar o padrão de interação familiar na agorafobia mais comum é o A em que a mãe (raramente o pai) sofre de angústia crónica relativamente às figuras de vinculação e retém a criança em casa, para servir-lhe de companhia. Com efeito o papel controlador é desempenhado pela mãe exercendo esta um papel de superprotectora em relação ao seu filho, neste sentido, o filho vai se sentir sempre amedrontado cada vez que ousar sair de ao pé da sua mãe, pois tem medo que lhe aconteça alguma coisa a ela e ao mesmo tempo a si, uma vez que, receia que a figura materna pode não estar disponível quando ele mais deseja (Bowlby, 1984).

Ao longo dos últimos parágrafos, tem-se vindo a dar atenção às condições que dentro da família, levam uma criança em desenvolvimento a crescer propensa mais que o habitual, a tornar-se presa de angústia e medo. No entanto, torna-se igualmente importante refletir sobre o resultado oposto e mais feliz. Uma das premissas fundamentais é aceitar que a principal causa de uma personalidade instável e angustiada é a incerteza aflitiva das figuras de vinculação não se

mostrarem acessíveis e receptivas. Existem fortes razões para acreditar que a estrutura sobre a qual se constrói uma personalidade estável e autoconfiante é a certeza de poder contar com a presença e o apoio da figura materna. A experiência familiar daqueles que se criam angustiados e medrosos é caracterizada, segundo consta, não apenas pela incerteza acerca do apoio dos pais, mas muitas vezes, pelas pressões disfarçadas mas perturbadoras que estes exercem (ex: pressão para que a criança comece a cuidar de um dos pais). Por outro lado a experiência familiar daqueles que se tornarão pessoas relativamente estáveis e autoconfiantes é caracterizada não apenas pelo apoio infalível dos pais, quando a eles recorre, mas ainda por um estímulo gradual e constante á crescente autonomia, notando-se ainda que os pais transmitem modelos funcionais de si próprios da criança e de outros que serão tolerantes ao questionamento e á revisão de condutas (Bowlby, 1984).

Os padrões de interação familiar são transmitidos de geração em geração. De acordo com o que já foi referido anteriormente as crianças tendem a identificar-se com os pais. Assim a herança de saúde mental, transmitida através da microcultura familiar, não é menos importante e talvez seja muito mais importante, do que a herança transmitida através do genes. Todos estes factores vão influenciar os níveis de autoconfiança da criança, ou seja, a confiança que o sujeito sente em si e consegue depositar nos outros (Bowlby, 1984).

Benedek (1972) acentua que a confiança na existência de figuras que ajudam provém das experiências repetidas e reconhecidas na latência e na infância que a criança tenha tido com a mãe e acrescenta que, por conseguinte, se desenvolve um ego forte capaz de manter a integridade e a auto regulação durante os períodos em que lhe falta apoio. Segundo Mahler (1968) a autoconfiança e auto-estima e o prazer na independência se desenvolve a partir da crença e confiança em outros. Essa crença é construída na latência e na infância, através de experiências que tenha a criança de uma figura maternal que sirva como ponto de referência para as suas actividades e, ao mesmo tempo, lhe dê liberdade suficiente para habilita-la a vencer a fase de desenvolvimento que Mahler denominou de “ separação individuação” (Bowlby, 1984).

#### *A SEPARAÇÃO-INDIVIDUAÇÃO SEGUNDO MAHLER*

Na continuação dos estudos destes autores, que procuraram determinar os momentos das formações do aparelho psíquico, surge Margaret Mahler 1977, que tentou uma classificação também a partir da observação que permitisse entender esse desenvolvimento. Ela propôs que houvesse três períodos que designou por autismo primário, simbiose normal e separação/individuação. O período de *autismo primário* é o primeiro e corresponde à fase em que o bebé permanece encerrado sobre si próprio e incapaz de comunicar com o meio. No fundo, será um período que equivale aquele que decorre até ao sorriso intencional de que falou Spitz ou que

equivale aquilo que Freud tinha designado por auto-erotismo ou narcisismo primário. No auto-erotismo a libido não estava investida em nada. Por consequência o indivíduo nem tinha a noção de si mesmo, enquanto no narcisismo primário passava a investir a libido em si próprio não tendo capacidade de relacionamento com os outros. No autismo primário não há essa capacidade de relacionamento (Mahler, 1977).

No segundo período, de *simbiose normal*, ou seja, em que o bebê não consegue sobreviver sozinho, tem que permanecer dependente de alguém, ou alguma coisa. é uma expressão que permite entender a interdependência desta díade mãe/filho e sobretudo do ponto de vista psicológico.<sup>1</sup>

Finalmente, no terceiro período, o de *separação/individuação*, Margaret Mahler propõe a existência de subfases, sendo que a principal é a *reaproximação*, e diz que a *separação/individuação* depende da marcha, ou a aquisição desta pela criança, ou seja, a criança pode deslocar-se e afastar-se da mãe e assim verificar que está dela separada e verificar que tem a sua individualidade própria. Quando as crianças adquirem a marcha, afastam-se da mãe mas a uma distância que permite olhar para ela de vez em quando. Mais tarde a criança é capaz de passar alguns períodos fora do campo visual da mãe mas há um momento em que procura regressar para junto da mãe e muitas vezes até segurá-la, que é a tal fase de reaproximação. Finalmente integra essa permanência da mãe e pode afastar-se e permanecer longe por largos períodos, cada vez maiores consoante a idade que vai avançando (Mahler, 1977).

Esta classificação da Margaret Mahler parece muito controversa já que os dois primeiros períodos parecem estar errados, quer do ponto de vista orgânico, quer do ponto de vista biológico, mas o que ela pretende é transmitir a ideia de que no desenvolvimento psicológico existem momentos que têm significado no seu sentido mais lato.

---

<sup>1</sup> Tanto a noção de autismo primário como de simbiose normal são hoje consideradas erróneas: com a fase de autismo primário Margaret Mahler procurava entender uma doença que se designa por autismo na qual os portadores mantêm-se fechados no seu mundo, não são capazes de comunicar com o meio e têm gestos repetitivos, muitas vezes de auto-agressão de que podem resultar lesões; Este quadro de autismo, sabe-se hoje, que está ligado a um excesso de substância branca nas zonas temporais, ou seja, é qualquer coisa de genético, uma alteração que vai provocar a doença, ou pelo menos, que alguns que padecem da doença padecem dessa alteração. Quanto a fase simbiótica aparece outro erro: na simbiose, parasita e hospedeiro não conseguem sobreviver sozinhos, mas é evidente que o bebê sobrevive sem a mãe e esta sem ele (Mahler, 1977).

## A TEORIA DE WINNICOTT

Donald Winnicott tinha formação médica, exerceu pediatria e em determinado momento, vendo o adoecer de crianças, pensou que havia uma falha no desenvolvimento psíquico que levava a patologias físicas e começou a dedicar-se à Psicanálise. Donald Winnicott procurou entender como a criança passava do preceptivo e do sensitivo para a abstração, para o símbolo e reconheceu que a criança, nos primeiros tempos de vida só conseguia comunicar com o mundo através da mãe, e que, por consequência, a mãe tinha um papel de traduzir para o filho o meio e os sinais que ele lhe dava. Este papel da mãe passava por duas vertentes, uma física e uma psíquica, esta última que consiste na capacidade que a mãe tem de conter as angústias do filho, ou seja, a criança sente-se mal, dá sinais desse mal-estar e a mãe, ao tentar dar a resposta adequada, ou mesmo quando o consegue, vai contendo a angústia que o bebé manifesta. Winnicott distingue três series de atos nos cuidados que a mãe deve ter com a criança:  *Holding*: corresponde ao amparo da criança pela mãe, ela suporta-a, assegura-lhe um continente corporal graças ao seu próprio corpo e introduz o pequeno corpo dela no espaço.  *Handling*: reenvia para os cuidados e manipulações da criança pela mãe que, ao fazê-lo, lhe proporciona sensações tácteis, cinestésicas, auditivas e visuais.  *Object-presenting*: modo de apresentação do objecto. Assim, através da mãe, a criança tem acesso aos objectos simples, depois a objectos progressivamente mais complexos e finalmente ao mundo em toda a sua dimensão: “a mãe partilha com a criança pequena um pedaço do mundo à parte, mantendo-o suficientemente limitado para que a criança não fique confusa, e aumentando-o muito progressivamente de forma a satisfazer a capacidade crescente da criança de fluir do mundo” (Winnicott,1988).

A contenção física é também fundamental, isto é, quando a mãe pega no filho ao colo tem que o fazer com a firmeza suficiente para que a criança não pense que pode cair e morrer. Donald Winnicott chama a atenção para a importância deste segurar, desta contenção física do bebé, dizendo que se a mãe não fosse capaz de segurar com firmeza o seu bebé lhe iria transmitir angústias indescritíveis (Winnicott, D.1988).

Esta prestação de cuidados básicos vai induzir noções de tempo e espaço, além das noções dos limites físicos, e vão também permitir que a criança aprenda a que pode comunicar com os outros. É uma aprendizagem que se vai fazendo a pouco e pouco e que exige que a mãe tenha a capacidade de ser uma mãe suficientemente boa. Esta é a definição de Donald Winnicott de desenvolvimento normal de um ser humano, que tenha uma mãe suficientemente boa capaz de entender o seu bebé satisfazendo-o ou frustrando-o na justa medida (Winnicott,1988).

Donald Winnicott notou que as crianças tinham sempre um objecto preferido do qual raramente se separavam e quando o perdiam ou se separavam dele, ficavam inquietas. Desses

objectos que Donald Winnicott via, o mais frequente era a chucha, mas também os ursos de peluche, etc. Então Donald Winnicott concluiu que havia objectos a que as crianças conferiam o poder de representar as figuras de amor, em regra, a mãe, e quando esta não estava fisicamente presente esses objectos, representando-a, continham a capacidade da mãe de protegerem o bebé. A esses objectos chamou de objectos transitivos e hoje a noção de transitividade, isto é, de as pessoas poderem ser representadas por objectos em situações afectivas e psíquicas (Winnicott, 1988).

### *OS PROCESSOS DE SEPARAÇÃO ENTRE A MAE E A CRIANÇA*

O desenvolvimento e a prática clínica viram os processos de separação mãe bebé com uma importância central para a compreensão do desenvolvimento humano. Mães que se separam dos seus filhos podem experienciar uma grande ansiedade de separação porque estão a violar norma da sociedade ao contrário dos pais. Para se poder obter uma compreensão melhor acerca da separação também, necessário compreender a preocupação dos pais á separação (Hock., McBride., & Gneza, 1989).

Diversos autores vêm a preocupação sobre a separação maternal ou ansiedade de separação materna como um problema complexo multidimensional onde a sociedade os preconceitos estão envolvidos na construção da personalidade, ou seja, na estrutura da personalidade da mãe. Existe portanto, um contexto cultural que vai contribuir para a forma como a mãe se sente em relação á separação (Hock., McBride., & Gneza, 1989).

A ansiedade de separação materna é entendida como um estado emocionalmente desagradável que está relacionado com a experiência de separação em que se evidencia através de expressões como a preocupação, culpa, tristeza (Hock., McBride., & Gneza, 1989).

A abordagem sobre o papel da mãe no processo de separação mãe-criança assumiu uma base clínica de orientação psicanalítica. A teoria que emerge no trabalho de Benedek (1959, 1970) e de Levy's (1943) é que a verdadeira protecção maternal ocorre em mulheres naturalmente maternais, em que o papel destas como mães tem-se intensificado. A relação da mãe com o seu filho é bastante intensa nestes casos as mães só se sentem seguras quando a criança está ao pé de si. Este factor vai influenciar os relacionamentos futuros da criança mais propriamente com a sua mãe. Os autores observaram que alguns sentimentos de ansiedade de separação são normais pelas mães até aos 6 meses. Muitas mães jovens sentem um vazio quando saem perto da criança por um curto espaço de tempo (Hock., McBride., & Gneza, 1989).

Margaret Mahler deu um grande contributo para esta área pois reafirmou a importância da função da mãe nas etapas do processo de separação-indivuação. A autora assim como outros

autores consideraram que mães que são muito agarradas aos seus filhos, vão fazer com que estes venham a ter dificuldades na sua autonomia (Hock., McBride., & Gneza, 1989).

John Bowlby e a sua teoria da vinculação como já foi falada anteriormente, forneceu uma boa compreensão sobre a ansiedade de separação materna. Para o autor, a ansiedade de separação é entendida como um esforço de ambas as partes. Em alguns casos é a mãe que toma a iniciativa da separação em outros é a criança, ao longo do tempo este comportamento vai se reduzindo. Bowlby sugeriu ainda que a proximidade física a troca de afecto são sentidos como prazerosos para ambos, enquanto a experiência de rejeição e de distância são sentidos como desagradáveis e dolorosos para ambos (Hock., McBride., & Gneza, 1989).

A cultura e as experiências de socialização vão influenciar o papel maternal. Este ponto é particularmente importante para a compreensão da separação mãe-criança e também os cuidados maternos. A etnia cultural, assim como, o contexto cultural são fundamentais para a compreensão da separação mãe-criança e até que ponto são aceitáveis (Hock., McBride., & Gneza, 1989).

Um estudo feito por Hock, E., McBride, S., Gneza, M (1989) procura identificar como a preocupação maternal sobre a separação afecta tanto a mãe como a criança. Desenvolveu-se dois estudos. Num primeiro estudo foi aplicado um questionário sobre a ansiedade de separação materna, este foi desenvolvido e administrado a 620 mães após os seus filhos nascerem, foi aplicado 3 meses mais tarde. No segundo estudo, para além da escala de separação materna também foram utilizados outros métodos como a entrevista, um índice de estado emocional e um índice de observação com base no comportamento das mães durante a separação e o reencontro dos seus filhos num ambiente de laboratório estruturado (Hock., McBride., & Gneza, 1989).

Através deste estudo, pode-se verificar que aproximadamente cinquenta por cento das mães tinham preocupações em deixar os seus filhos, outras mães expressaram uma moderada ou grave preocupação relacionada com a separação. Estas mães atribuem sentimentos de angústia associados a ausência dos seus filhos. Este tipo de comportamento pode indicar que a angústia percebida pela criança é uma projecção das próprias preocupações da mãe ao estar longe do seu filho (Hock., McBride., & Gneza, 1989).

Os dados descritivos deste estudo, revelam que a ansiedade de separação materna é um tema importante na realidade psicológica das mães e é experienciada por mães com uma ampla gama de diferenças individuais na intensidade de experienciar essa ansiedade (Hock., McBride., & Gneza, 1989).

Neste sentido, os resultados deste estudo revelam que existe um elevado grau de coerência entre as condições associadas a um determinado tipo de separação esta pode afectar o nível de ansiedade de separação. A ansiedade de separação materna é vista como “ disposição” da

personalidade bastante estável que é atingida em resposta á separação das mães em relação aos seus filhos (Hock., McBride., & Gneza, 1989).

Torna-se importante pensar nas características da criança e da personalidade da mãe. Também deve-se avaliar o impacto da ansiedade de separação materna sobre a criança e de que forma esta pode ou não determinar o seu desenvolvimento. Assim é importante perceber o papel que a ansiedade de separação materna tem nas mães e nas crianças (Hock., McBride., & Gneza, 1989).

### *O SISTEMA DE PRESTAÇÃO DE CUIDADOS*

Na perspectiva etológica, Bowlby (1982, 1988) os laços sociais entre cuidadores e crianças são compostos de um sistema de vinculação e um sistema de cuidados. Considerando que um sistema de vinculação de comportamento infantil é organizado para manter a proximidade e buscar a protecção dos seus responsáveis, o objectivo de um sistema de cuidados é o de cuidar para fornecer segurança e protecção para o bebé. Portanto, mesmo que os sistemas de cuidado e de vinculação sejam independentes uns dos outros, eles são complementares e comportamentalmente desenvolvidos. Além disso, assim como a vinculação infantil é expresso através de emoções intensas (por exemplo, durante a separação e reencontro com figuras de vinculação), os comportamentos de cuidados também são baseados em emoções (Hsu, 2004).

Impulsionado e motivado por emoções, os pais prestam cuidados e afecto aos seus filhos para atender as necessidades destes. Os pais devem ter equilíbrio entre os seus desejos e cuidados que devem prestar aos seus filhos, assim com as suas necessidades para conseguir prosseguir com os seus objetivos (por exemplo, o emprego). Sentimentos desagradáveis, como culpa, perda, medo, tristeza e muitas vezes surgem quando os pais são incapazes de manter proximidade e fornecer protecção para seus filhos. Apreensão e ansiedade associados a sentimentos exclusivamente de curto prazo separações da criança vivida pelos pais de bebés e crianças pequenas são chamadas de ansiedade de separação parental. Angústia de separação é uma dimensão distinta e estável das representações das mães dos relacionamentos com os seus filhos (Hock, McBride, & Gneza, 1989).

É normal os pais sentirem-se ansiosos com a separação da criança quando esta é pequena. No entanto, ansiedade de separação excessiva pode ser uma má adaptação sendo prejudicial para a saúde mental dos pais, que, por sua vez, pode exercer impactos negativos sobre os seus comportamentos parentais e também no desenvolvimento infantil (Hsu, 2004).

Importa assim perceber quais os antecedentes e as consequências da ansiedade de separação vivida pelas mães. Diversos estudos foram realizados nesta área como o estudo de Hui-Chin-Hsu (2003) é relativamente a esse estudo que iremos falar mais a frente (Hsu, 2004).

Bowlby (1982, 1988) argumentou que um sistema de cuidado se desenvolve ao longo do tempo, resultantes das interações entre factores biológicos e ambientais. Além disso, Belsky (1984) propôs que comportamentos parentais são multiplamente determinado por três fontes de influência: características dos pais (por exemplo, traços psicológicos), disposição temperamental da criança, e o contexto social (por exemplo, qualidade conjugal e suporte de rede social) (Hsu, 2004).

Neste sentido foi realizado um estudo baseado no modelo de multidimensional de Belsky (1984) sobre a parentalidade. Este estudo foi desenvolvido para explorar o papel desses três factores principais na formação de diferenças individuais na ansiedade das mães pela primeira vez (Hsu, 2004).

Em relação às características maternas diversas pesquisas demonstraram que as diferenças individuais na ansiedade separação das mães estão associadas a uma série de características maternas, demográficas e psicológicas. Níveis mais elevados de ansiedade de separação são mais propensos em mães mais jovens, menos escolarizadas. A elevada Ansiedade de separação está relacionada com a depressão, dependência, auto-crítica, e baixa auto-estima. Além disso, as mães que experienciam níveis mais elevados de ansiedade de separação também são mais propensas a apoiar os valores tradicionais de criação dos filhos e do papel da sexualidade. Tem sido sugerido que a ansiedade de separação pode ser um traço de pré disposição vinda dos pais (Hsu, 2004).

Alguns estudos constataram a associação simultânea entre a ansiedade de separação das mães e suas características demográficas e psicológicas durante o período pós-natal. Pouco se sabe em que medida as características maternas antes do nascimento dos seus filhos, estão ligadas à ansiedade de separação vivida por mães após o nascimento. Tem sido documentado que a competência maternal é um precursor no desenvolvimento da criança. Por exemplo, características maternas como coragem e competência de adaptação são preditivos de sensibilidade de comportamento maternal e capacidade de resposta para o bebé durante a interação social (Hsu, 2004).

A Ansiedade de separação materna também pode ter as suas origens no período pré-natal. O primeiro objectivo do estudo de (Hsu, H. 2004) foi, portanto examinar as características psicológicas das mães, como depressão e ansiedade pré-natal com a sua ansiedade de separação medida de 1 e 6 meses após o nascimento. Os resultados mostraram que a ansiedade característica do abatimento das mães deve-se á qualidade conjugal, satisfação com a rede social, apoio emocional sentido pelas redes sociais. Estas são mães com elevadas preocupações com a separação provocada pelo emprego, os filhos destas mães são entendidos com um temperamento difícil. Para além disso a ansiedade de separação está relacionada com a sensibilidade das mães aos sinais negativos da criança que se desenvolvem ao longo das interações sociais (Hsu, 2004).

Como Bronfenbrenner (1986) apontou, o desenvolvimento individual é incorporado no mais amplo contexto social- ecológico. Comportamentos parentais são uma função de variáveis tais como características dos pais e da criança, bem como, os factores externos á díade tais como a qualidade conjugal e apoio social. Alguns estudos realizados nesta área consideraram que uma boa relação conjugal aumenta a parentalidade, auto-eficácia e sensibilidade para o filho. Por outro lado, uma relação conjugal exerce um impacto negativo sobre a criança. A quantidade e a qualidade do apoio social recebido pelas mães também contribuem para a responsividade materna aos sinais infantis e reciprocidade na interação mãe-bebé. O apoio social facilita a segurança da mãe-bebé, em especial, relações de vinculação. Mães que vivenciavam uma maior ansiedade de separação demonstram uma maior tensão no seu papel e também algum conflito. Estas são mães que tem baixos níveis de apoio social e emocional (Hsu, 2004).

No que diz respeito, às características da criança as mães que expressam maior nível de ansiedade de separação quando os seus filhos sofrem, quando se mantém acordados toda a noite e demonstram alguma vulnerabilidade na saúde. Evidência mostra também que o temperamento infantil, pode contribuir para a ansiedade de separação materna. No entanto, os resultados de estudos empíricos têm sido mistos. Alguns estudos relataram que crianças com temperamento difícil são percebidas pelas suas mães como cansativas e emocionalmente negativas, tendem a evocar níveis mais elevados de ansiedade de separação materna (Hsu, 2004).

As características temperamentais da criança como a reactividade e regulação são reconhecidas como as duas principais dimensões da criança. Reactividade comportamental reflecte a excitação em resposta a eventos stressantes, ao passo que envolve a regulação comportamental dos bebés recém-nascidos capacidade de modular a sua excitação emocional (Hsu, H. 2004).

Como tal, importa perceber o papel das características temperamentais infantis na ansiedade de separação vivida por mães pela primeira vez (Hsu, 2004).

Além de se falar sobre os antecedentes da ansiedade de separação materna, o estudo de (Hsu, 2004). Também teve como objectivo examinar as consequências da ansiedade de separação materna. Emoções experimentadas pelos pais no cuidado dos seus bebés e de crianças pequenas têm demonstrado ter implicações para o comportamento dos pais No entanto, há pouca evidência empírica para essa afirmação. Entretanto, alguns estudos sugerem que a ansiedade de separação materna está relacionada com a segurança da vinculação, ou seja, com a qualidade da vinculação. Fez se uma comparação com mães de bebés seguros e mães com bebés inseguros, estas últimas demonstraram uma intensa ansiedade de separação. Da mesma forma, Stifter et al. (1993) relatou que os bebés de mães empregadas demonstraram uma elevada ansiedade de separação, estas crianças são mais propensas a desenvolver um padrão de vinculação evitativo. A Qualidade de

vinculação das crianças tem origem na responsividade e na sensibilidade materna. Sentimentos de ansiedade e tensão parentais são susceptíveis de prejudicar a capacidade das mães de dar o devido, contingente, e cuidado consistente aos seus filhos, o que leva a uma vinculação insegura. Como tal, espera-se que as mães que sofrem de ansiedade de separação intensificada seriam menos propensas a responder aos sinais de seus filhos e de forma adequada, maneira contingente, e consistente (Hsu, 2004).

O estudo realizado por Hui-Chin-Hsu (2003) teve como objectivo investigar os antecedentes e as consequências da ansiedade de separação materna. Neste estudo ansiedade de separação materna é definida como um estado emocional desagradável de preocupação, culpa e tristeza vivida por mães durante uma separação de curto prazo em relação ao seu bebé (Hock, McBride, & Gnezda, 1989). Para este estudo contribuíram cinquenta e três mães, pela primeira vez durante a transição para a parentalidade desde o terceiro trimestre da gravidez até 6 meses após o parto (Hsu, 2004).

A transição para a parentalidade é um dos grandes acontecimentos da vida, durante a qual os estados psicológicos das mães, percepção de qualidade conjugal, e satisfação com apoio social tendem a mudar drasticamente (Hsu, 2004).

Esses factores pessoais e contextuais podem exercer influências significativas não só nos comportamentos dos pais, mas também sobre as emoções dos pais, principalmente, sentimentos de tristeza, ansiedade, culpa experienciado pelos pais durante a separação da criança (Hsu, 2004).

Globalmente, os resultados do estudo realizado por Hui-Chin-Hsu sugerem que as mães que não tenham fontes de apoio social, tenham stress, e o que o bebé demonstre características temperamentais específicas, todos estes factores conjuntamente formam a ansiedade de separação materna (Hsu, 2004).

Estes resultados fornecem suporte para a noção de que a ansiedade de separação materna muda conforme o contexto e a situação. O que sugere que as avaliações feitas sobre os recursos e a tensão das mães em situações relevantes afetam o nível de ansiedade de separação. Apreensão materna e preocupações que são especificamente com a criança podem estar relacionadas com o emprego pode ser subproduto aborrecimentos como as actividades relacionadas com o trabalho, bem como o planeamento de encontrar soluções alternativas para o cuidado infantil. Mães que têm dificuldades em encontrar cuidados infantis adequados vão expressar uma maior preocupação quando se separam da criança. Por outro, o envolvimento do pai nas actividades e cuidados infantis está associada a uma baixa ansiedade de separação quando relacionado com o emprego da mãe (Hsu, 2004).

O Exame minucioso das características psicológicas maternas revelou que era o traço de ansiedade materna, ao invés de humor depressivo, que exerceu uma influência significativa na criança e a separação relacionada com o trabalho a ansiedade vivida por mães pela primeira vez. Este achado é consistente com a conclusão anterior de que a depressão materna não está significativamente ligada à ansiedade de separação até que a criança atinja os 6 anos de idade. A ligação entre estados maternos como sentir-se deprimido e a ansiedade de separação maternal pode ser reforçada ao longo do tempo conforme os pais vão investindo mais emocionalmente nos seus filhos. A intensa ansiedade sentida pelas mães em relação aos seus filhos tem efeitos negativos na criança. Tem sido demonstrado que a ansiedade materna durante a gravidez está associada não só com desenvolvimento fetal mas também com contexto social e ao desenvolvimento cognitivo (Hsu, 2004).

A gestão de angústia materna antes e após o nascimento pode ter implicações para as mães como a experiência, expressar e regular as suas emoções quando os seus filhos já são jovens (Hsu, 2004).

Quando existem factores de qualidade como o contexto social, estado civil e satisfação com a rede social e apoio emocional com questões relacionadas com o emprego e ansiedade maternal e uma boa relação conjugal, quando existe uma boa qualidade nestes factores existe em parte uma menor preocupação por parte das mães em separarem-se dos seus filhos, pois conseguem partilhar os cuidados da criança com o seu marido partilhando as suas preocupações. Em contrapartida pode-se verificar que a qualidade conjugal e o apoio emocional e da rede social estão relacionados com uma elevada ansiedade de separação, indicando um maior conflito vivenciado pelas mães no equilíbrio do seu papel materno. Especula-se que mães que tenham fortes laços emocionais com seus cônjuges ou parceiros e membros da rede social podem ter uma melhor compreensão das expectativas dos outros em relação a novas responsabilidades associados em se tornar um pai. Tal entendimento pode sensibilizar as mães para as discrepâncias entre o que desejam e o que se espera delas, que muitas vezes levam a angústia emocional. Uma preocupação relacionada com as falhas maternas como não atender às exigências do seu filho, pode levar a uma ambivalência materna, pois a mãe não percebe qual é o seu papel na família gerando assim um conflito de papéis e, portanto, uma maior preocupação relacionada com a separação. Em contraste, quando as mães percebem suas relações como menos satisfatória, eles podem não ter consciência e como tal não se preocupam com as expectativas dos outros, e, como tal, são menos propensas a se preocupar com o conflito de papéis entre a maternidade e o emprego e expressar menos preocupação com a separação (Hsu, 2004).

Pode se verificar que mães que sentem as suas crianças com um temperamento especial tem uma maior preocupação, pois estas crianças não tem uma boa adaptabilidade e como sente que o seu filho precisa de mais algum cuidado, neste sentido, as mães sentem mais dificuldade em confiar nos outros para que cuidem do seu filho (Hsu, 2004).

Estudos futuros são necessários para verificar quais as consequências que a ansiedade de separação materna possa ter no desenvolvimento da criança (Hsu, 2004).

Para além da saúde mental das mães, a ansiedade de separação também tem implicações para o desenvolvimento sócio emocional dos seus filhos (Hsu, 2004).

No estudo verificou-se que a ansiedade de separação materna das mães, sentimentos de culpa e apreensão levam a projecção de sinais negativos na criança (Hsu, 2004).

Uma elevada ansiedade de separação transmitida á criança leva a que estes não sejam tão competentes socialmente, estas são mães que tem dificuldade em responder aos sinais sociais e comunicativos dos seus filhos. Mães que experiênciam elevados níveis de culpa, tristeza sobre a separação concentram mais a sua atenção na criança transmitindo sinais negativos, pois tornam-se mais vigilantes na resposta aos seus sinais (Hsu, 2004).

Quando as mães são excessivamente sensíveis aos sinais dos seus filhos é sentida angústia, quando a criança emite sinais positivos estes são suprimidos. Por conseguinte recebem sinais sociais desadequados devido á elevada ansiedade de separação experiênciada pelas mães. Neste sentido, apenas um nível moderado de ansiedade de separação pode promover um comportamento ideal por parte dos pais. A ansiedade de separação excessiva pode levar a má adaptação da criança e pode ser perturbador para o normal desenvolvimento da relação mãe bebé (Hsu, 2004).

Os resultados do estudo sugerem que a ansiedade de separação materna é moldada pela criança, tendo em conta os factores parentais, contextuais (Hsu, 2004).

Neste sentido, Hock (1984), estudou a separação da perspectiva materna, define a ansiedade de separação materna como um estado emocional desagradável que reflecte a preocupação e apreensão em deixar a criança, onde incide sobre os sentimentos de culpa, preocupação e tristeza que acompanham a curto prazo as experiências de separação. Jarrete e seus colegas afirmam que a ansiedade de separação materna é uma dimensão única da maternidade que inclui três aspectos: 1) o sentimento da mãe quando separada de seu filho, 2) a sua preocupação relacionadas ao sofrimento da criança durante a separação, e 3) a crença dela na adequação dos cuidados alternativos. A construção de ansiedade de separação materna é de particular interesse no contexto do sono, o grau em que a mãe experiência a ansiedade de separação tem implicações para o comportamento da criança durante a noite (Scher, 2008).

Outros estudos foram desenvolvidos nesta área. Um estudo realizado por Anat Scher, teve como objectivo verificar de que forma a ansiedade de separação materna pode regular o sono dos bebés (Scher, 2008). A regulação do sono dos bebés é determinada não só por factores biológicos, mas também por aspectos relacionais. As dificuldades da criança em ter um sono contínuo podem-se atribuir a diversos factores, incluindo a maturação emocional, aprendizagem, temperamento, assim como, o contexto e a cultura. Os factores contextuais são considerados relevantes para o estudo do sono dos bebés, como a criança é acordada, assim como, o meio ambiente e o cuidado. Foram identificados algumas variáveis maternas nos correlatos como os problemas do bebé ao dormir em diferentes contextos culturais, depressão, ansiedade e stress. Alguns autores consideram que o sono dos bebés pode ter impacto no humor maternal e o seu bem-estar que pode se adaptar ao padrão de sono da criança (Scher, 2008).

Anders e seus colegas elaboraram um modelo transaccional sobre o sono vigília, que assume que a regulação do sono é mediada pela interação pais criança, que por sua vez, é sensível e influenciado por toda a dinâmica contextual. Neste sentido, tem sido demonstrado como as diferentes relações desde as mais normais até às mais patológicas tem influência no sono e por vezes refletem-se em problemas (Scher, 2008).

Um construto psicológico que moldou modelos sobre a interação entre o sono e as relações mãe-filho é a ansiedade de separação. Segundo Bowlby e de acordo com a perspectiva de vinculação a angústia de separação da criança tem sido um factor comportamental e organizador da criança. O sono envolve a separação de sujeitos que são valorizadas pela criança e esta não se quer separar delas. Neste sentido, a investigação do sono vigília e a regulação no contexto de ansiedade de separação torna-se importante. Adormecer a cada noite pode ser interpretado como uma separação, enquanto acordar fornece uma oportunidade para a reunião (Anders, 1994 & Freud 1965) sustentou que ir para a cama é um protótipo de separação. O ir para a cama é importante para a criança, uma vez que esta necessita de se separar fisicamente dos pais e se separar dos acontecimentos do dia. Dependendo do estágio de desenvolvimento e da experiência anterior da criança, essa separação pode induzir a ansiedade, uma sensação de desamparo ou frustração. De forma semelhante, de acordo com a perspectiva de (Bowlby, 1969) à noite quando a criança sente a falta da proximidade da figura materna vai ao encontro dela através de sinais como o choro e procurando activamente o contacto físico e conforto (Scher, 2008).

Estímulos como a escuridão e a solidão levam a um aumento da probabilidade de perigo para a criança, causando assim alguma ansiedade na criança procurando esta a sua figura de referência (Bowlby, 1973). Neste sentido, o sistema de vinculação é activado durante a noite, e os comportamentos de vinculação que procuram a proximidade como o choro são os mais comuns. A

desativação do comportamento em busca da proximidade é feita através da presença reconfortante à noite do cuidador. Neste sentido, a teoria da vinculação tem sido reconhecida, uma vez que a criança necessita da proximidade da figura materna, para que não se desenvolva a ansiedade de separação (Scher, 2008).

George e Solomon (1999) elaboraram um sistema de cuidados comportamentais que complementa o sistema de vinculação da criança. Conforme o seu modelo o comportamento de cuidado é organizado num sistema comportamental independente, mas comportamentalmente relacionado com a vinculação (George & Solomon, 1996). Neste sentido existe uma mudança na perspectiva da criança ser protegida esta deve ser feita pelo pai. Quando a proximidade não é mantida, há um maior risco de não fornecer proteção. Neste sentido, o espaço do sono, que é marcado tipicamente pela escuridão e solidão, sinais de perigo potencial, e, portanto, nasce a angústia na criança e também no pai (Scher, 2008).

Relatórios anteriores sobre a interação entre a criança o sono e a separação materna mostraram que, enquanto em três meses de idade, o nível materno de ansiedade de separação não influencia o ciclo de sono da criança, no entanto, a longo prazo torna-se perturbador aos 9 meses a criança demonstra noites de vigília (Scher, 1995). Mães ansiosas têm tendência a perceber os seus filhos com mais exigentes e difíceis (Scher, 2008).

Para este estudo foi utilizada uma amostra com 52 crianças da comunidade e suas mães, o sono foi medido objectivamente com um monitor de actividade, bem como através de questionários. As mães relataram suas próprias ansiedades de separação, e sobre a criança é percebida angústia (Scher, 2008).

A principal descoberta foi que a ansiedade de separação materna está relacionada com o sono e com as suas rotinas. A contribuição das mães no controle da agitação das crianças quando estas acordam durante a noite é importante na medida em que controlam a ansiedade de separação dos seus filhos (Scher, 2008).

Como já foi referido anteriormente, ansiedade de separação materna pode influenciar o desenvolvimento sócio emocional da criança, importa assim perceber como estes dois factores se relacionam. Neste sentido, foi realizado uma investigação sobre a ansiedade de separação materna e a adaptação materna e a adaptação psicossocial ao pré escola. Esta investigação foi realizada pela unidade de investigação em psicologia cognitiva do desenvolvimento e da educação (Veríssimo, Alves, Monteiro & Oliveira, 2003)

Este estudo propôs-se a analisar e compreender a relação entre a ansiedade de separação de materna e a qualidade da adaptação psicossocial de crianças em idade pré-escolar (Veríssimo, Alves, Monteiro & Oliveira, 2003)

Nos dias de hoje existem um elevado número de mulheres que trabalham e que desempenham em simultâneo o seu papel de mãe, como tal, maior parte das crianças nos dias de hoje tem um outro prestador de cuidados para além da mãe. O infantário é o recurso mais utilizado (Veríssimo, Alves, Monteiro & Oliveira, 2003).

Como já foi referido anteriormente a ansiedade de separação materna pode ser um importante mediador entre o trabalho materno e o desenvolvimento social da criança (Hock & DeMeis, 1990; Stifter, Coulehan, & Fish, 1993).

De acordo com Hock, McBride, e Gneza (1989) é fundamental para a compreensão dos processos de desenvolvimento humano considerar as atitudes, sentimentos e vivências maternas associadas à separação. (Veríssimo, Alves, Monteiro & Oliveira, 2003).

O trabalho materno já foi apontado como exercendo uma influência negativa sobre o desenvolvimento da criança. No entanto, outros autores (DeMeis, McBride, & Hock, 1986) contrariam tal hipótese. Referem que não é o trabalho materno por si só que exerce tal influência, mas os sentimentos maternos face ao trabalho e as crenças maternas acerca dos efeitos na criança da separação motivada pelo trabalho. Neste sentido, tais factores parecem influenciar de um modo significativo a intensidade da ansiedade de separação materna, bem como a adaptação psicossocial da criança (Veríssimo, Alves, Monteiro & Oliveira, 2003).

Através do estudo realizado por, Stifter et al. (1993), pode-se verificar que mães que trabalham obtiveram níveis mais baixos de ansiedade de separação relativamente às mães que permaneceram em casa. No entanto, os autores verificaram que as mães empregadas com uma elevada ansiedade de separação eram também mais intrusivas comparativamente às mães empregadas que obtiveram uma ansiedade de separação mais reduzida. Paralelamente, consideraram que existe uma maior probabilidade de desenvolvimento de uma vinculação insegura/evitante nas crianças cujas mães evidenciaram uma elevada ansiedade de separação (Veríssimo, Alves, Monteiro & Oliveira, 2003).

Um estudo realizado por Hock e DeMeis onde foram utilizadas mães e crianças de 12 meses. Este estudo procura investigar a relação entre a maternidade e o trabalho para a saúde mental materna. Aferiram que as mães que permaneceram em casa apesar de preferirem retomar o seu trabalho apresentavam uma elevada ansiedade e sintomatologia depressiva. Estas são mães intrusivas, como tal, este tipo de interação irá ter consequências negativas no desenvolvimento sócio emocional da criança. (Hock & DeMeis, 1990) (Veríssimo, Alves, Monteiro & Oliveira, 2003).

## *ANSIEDADE DE SEPARAÇÃO MATERNA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL*

As características da relação mãe/ filho, no primeiro ano de vida, vão ter grande importância no desenvolvimento futuro da criança: personalidade, auto estima, confiança em si próprio, relacionamento interpessoal, capacidade de adaptação a situações novas. Concretamente, a atividade clínica tem fornecido exemplos significativos de como a qualidade da relação mãe/ filho influencia as futuras relações interpessoais (Monteiro & Santos, 2001).

Contudo, a relação começa bem antes do nascimento, na fantasia dos pais. Ser mãe e ser pai é marcado por uma relação simbólica, por um jogo de fantasia: será menino, será menina? (Monteiro & Santos, 2001).

Podemos dizer que o bebé antes de nascer, se relaciona com a mãe e com as pessoas significativas do seu meio. Ele influencia e é influenciado pelo mundo envolvente (Monteiro & Santos, 2001).

A forma como decorre o próprio nascimento tem sido considerada como muito importante. Não só o próprio acto de nascer, mas também o seu acolhimento (externo e interno) que diz respeito à forma terna como lhe é dado o nome, como se descobre com quem se parece (Monteiro & Santos, 2001).

A relação da mãe e das outras pessoas com os bebés é, normalmente diferente das relações que se desenvolvem com outras crianças mais velhas (Monteiro & Santos, 2001).

Pode assim dizer que, o sistema de comunicação afetiva que se estabelece entre a mãe e o bebé tem grande influência no seu desenvolvimento futuro enquanto pessoa, ao nível da aprendizagem, das inter-relações pessoais, na auto confiança (Monteiro & Santos, 2001).

Uma boa relação entre a mãe e a criança nos primeiros anos de vida, permite à criança um bom desenvolvimento proporcionando aquisição de novos conhecimentos e competências sociais. Este tipo de relação permite o estabelecimento de relações positivas com os seus pares. Fornece igualmente uma base segura que a encoraja a explorar o meio social. Tais movimentos exploratórios promovem uma crescente capacidade de resolução de problemas (Veríssimo, Alves, Monteiro & Oliveira, 2003).

A criança vai também transpor das suas primeiras relações para as suas relações posteriores expectativas, estratégias e modelos de interacção. A qualidade desta relação primária pode deste modo fomentar o desenvolvimento de comportamentos adaptados ou desadaptados na criança (Veríssimo, Alves, Monteiro & Oliveira, 2003).

Alves (2000) verificou uma associação entre a qualidade e segurança da vinculação e a adaptação psicossocial de crianças em idade pré-escolar ao nível da agressão, ansiedade e isolamento. Assim, as crianças percebidas pelas mães como inseguras e dependentes foram

consideradas pelas educadoras de infância como as mais ansiosas e isoladas. Por sua vez, as crianças representadas como sendo seguras e independentes foram descritas como as menos agressivas, enquanto, as percecionadas como inseguras e independentes foram assinaladas como as mais agressivas. A análise dos factores de risco e a identificação precoce das crianças cujo comportamento social disfuncional á desadaptado no pré-escolar ameaça a sua trajetória desenvolvimental, são fundamentais na prevenção de um potencial desvio subsequente (Veríssimo, Alves, Monteiro & Oliveira, 2003).

Neste estudo Veríssimo, Alves, Monteiro & Oliveira, 2003 participaram 168 crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 4 anos e as suas respetivas mães. A Escala de Ansiedade Materna foi administrada às mães, permitindo identificar os sentimentos e atitudes maternas face à separação. As educadoras de infância preencheram o questionário Adaptação Psicossocial da Criança com vista à obtenção de dados relativos à qualidade da adaptação psicossocial das crianças. Os resultados do presente estudo, indicam que a ansiedade de separação materna influencia a qualidade da adaptação psicossocial da criança. Assim, as crianças cujas mães foram identificadas como possuindo uma elevada ansiedade de separação mobilizaram mais comportamentos reveladores de uma baixa competência social (Veríssimo, Alves, Monteiro & Oliveira, 2003).

Na década de 50 o etólogo Harry Harlow desenvolveu experiências com crias de macacos. Colocou na mesma jaula duas mães substitutas: uma era construída em arame, a outra em tecido felpudo. Esta experiência decorreu em várias jaulas: em metade delas, o modelo de arame fornecia alimento á cria, na outra metade, esta função era assegurada pela mãe de tecido felpudo. A variável analisada foi o tempo que as crias passavam das mães artificiais (Monteiro & Santos, 2001).

As observações levaram o investigador a concluir que as crias preferiam a mãe de tecido, independentemente de qual lhes fornecia alimento, recorrendo a estas em caso de perigo. Estas experiências levaram Harlow a afirmar que a necessidade e a procura de contacto corporal e de proximidade física são mais importantes que a necessidade de alimentação. Esta necessidade de agarrar, de estar junto da mãe vai ser designado como contacto conforto. Este mecanismo, também estudado em bebés, permite concluir que o contacto físico com a mãe é da maior importância, sendo uma necessidade primária que não depende da alimentação (Monteiro & Santos, 2001).

René Spitz estudou os efeitos patológicos da carência afetiva, materna nos casos de separação prolongada. As repercussões acarretam perturbações físicas, afectivas e mentais durante esse período e na vida futura (Monteiro & Santos, 2001).

Os estudos etológicos de Harlow provam como a falta de relação precoce entre as macacas e suas crias perturbam o desenvolvimento destas. As macacas criadas em privação de contacto

físico e em situação de isolamento evitam, quando adultas relações de acasalamento. Se forem fecundadas artificialmente, quando as crias nascem, rejeitam-nas, frequentemente com agressividade. (Monteiro & Santos, 2001).

### *DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMPETENCIA SOCIAL*

O meio social a família, grupos e cultura a que se pertence desempenha um papel determinante na construção da personalidade. A personalidade forma-se num processo interativo com os sistemas de vida que envolvem a família, a escola, grupo de pares, o trabalho, a comunidade entre outros (Monteiro & Santos, 2001).

Uma personalidade é marcada por todo o processo de socialização em que a família, sobretudo nos primeiros anos, assume um papel muito importante, pelas características e qualidade das relações existentes e pelos estilos educativos. O tipo de ambiente e o tipo de clima vivenciados (gratificante, hostil, violento, harmonioso) também influenciam a personalidade (Monteiro & Santos, 2001).

As experiências pessoais abarcam as vivências de cada um influenciando a sua personalidade afetam a personalidade ao longo de toda a vida (Monteiro & Santos, 2001).

Atribui-se cada vez mais importância aos estádios do desenvolvimento emocional da infância na construção da personalidade (Monteiro & Santos, 2001).

A qualidade das relações precoces e o processo de vinculação na relação da díade parecem ser fundamentais na estruturação e organização da personalidade (Monteiro & Santos, 2001).

A complexidade das relações familiares vai influenciar as capacidades cognitivas, linguísticas, afectivas, os processos de autonomia, de socialização, de construção de valores das crianças e jovens (Monteiro & Santos, 2001).

Importa assim perceber de que forma todos estes factores de relacionam entre si e como estes são promotores do desenvolvimento social e competência social na criança (Monteiro & Santos, 2001).

Foi realizado um estudo por Lafreniere Peter & Sroufe Alan sobre os perfis de competência no grupo de pares em relação á competência social e o estilo de vinculação da criança. Neste participaram quarenta crianças de quatro e cinco anos que tinham diferentes factores ecológicos da sala de aula (o tamanho d turma e o numero de crianças com problemas comportamentais esperados). Para medir a competência entre pares foram usados 1) rankings dos professores sobre a competência social dos alunos 2) medidas sociais sobre a relação entre pares e medidas comportamentais relativamente á 3) participação social 4) estrutura e atenção e 5) e dominância

social. Além disso os níveis de afecto positivo e negativo a filiação a liderança assertividade e agressividade foram registados em duas settings diferentes. Pode – se verificar que níveis individuais de expressão afetiva e comportamento social eram temporariamente estáveis e consistentes em todos os contextos de ambas as classes. No entanto, á diferenças entre as medidas comportamentais ecológicas das duas turmas. Os julgamentos feitos pelos professores e as medidas sociais entre pares estão relacionados com influências ecológicas e com critérios externos. Por fim os autores chamam atenção para dois tipos de dimensões que descrevem a competência entre pares: 1) uma dimensão afiliativa que é típica das crianças com uma vinculação segura onde se verifica uma grande expressão emocional, maturidade social e popularidade entre pares, 2) uma dimensão de poder que envolvente afecto positivo e negativo e um grande estatuto entre os colegas, sendo que esta dimensão é considerada aquela onde as crianças com uma vinculação ansiosa ou resistente tem menos sucesso. Estes resultados são mais evidentes no sexo feminino(LaFreniere & Sroufe, 1985).

De acordo com alguns estudos sobre a vinculação e a competência social crianças que tenham um padrão de vinculação seguro, em que o cuidador tem uma organização flexível do comportamento, pode ser visto como um padrão positivo e que leva a adaptação da criança no seu período de desenvolvimento. Neste sentido a relação entre os pares em idade pré-escolar pode se prever como eficazes. A relação com os pares desenvolve-se com actividades exploratórias, orientações para o meio e expectativas interpessoais estes factores são promovidos por vários padrões de vinculação. Quando as crianças se sentem seguras exploram ativamente o meio, esta exploração deve ser reciproca entre o cuidador e a criança de forma tranquilizante estes sentimentos de segurança vão permitir á criança transferir as suas competências pessoais e interpessoais e expectativas positivas para um novo ambiente social. Em geral seria de esperar que tais crianças crescessem com confiança e exibissem competência social e instrumental. Em contrapartida, crianças com uma história de vinculação marcada pela ansiedade de separação já experimentaram uma história de rejeição ou indisponibilidade emocional por parte do cuidador. Segundo o conceito de Bowlby sobre os modelos internos, aprende-se de ambas dos lados da relação. Seria de esperar destas crianças que no pré-escolar as suas relações interpessoais seriam distantes e hostis. Com os seus cuidadores estas crianças mostraram-se distantes e agressivas. Com os pares eles mostram relações empobrecidas (LaFreniere & Sroufe, 1985).

Relativamente às crianças que têm uma história de vinculação ansiosa resistente seria de esperar que estas não conseguissem estabelecer de forma adaptada uma relação com os seus pares. Estas crianças mostraram uma pobreza de exploração e, por vezes, mostraram um comportamento agressivo. Este comportamento é resultado de uma história de cuidados inconstante ou caóticos é

de esperar que estas crianças tenham uma baixa auto estima, a falta de disposição para a exploração de objetos, alguma hesitação social e desta forma facilmente se tornam com um estatuto mais baixo em relação aos pares. Algumas destas crianças apresentam extrema passividade e uma dependência em relação aos adultos, outros podem ser próximos com seus pares, mas facilmente propensos á desorganização em face da frustração ou stress (LaFreniere & Sroufe, 1985).

No estudo realizado por Lafreniere Peter & Sroufe Alan pode concluir que como previsto as crianças com histórias de vinculação ansiosas resistentes demonstram uma menor participação social enquanto que as crianças com ansiedade de separação não são distinguidas por estas medidas. (LaFreniere & Sroufe, 1985).

Visto que, os resultados evidenciaram o género em relação á competência social, ou seja, as meninas com um vinculação segura revelaram ter mais competências social comparativamente com o sexo masculino, isto pode significar que a responsividade da mãe difere em relação ao género e que esta responsividade pode ter consequências na sua adaptação ao grupo de pares (LaFreniere & Sroufe, 1985).

Também foi realizado um outro estudo sobre a competência social de Dumas, J & LaFreniere, P. Este estudo fala-nos da competência social e avaliação de comportamento em crianças com idades compreendidas entre os 3 e 6 anos (LaFreniere & Dumas, 1996).

A estrutura de factores e as características que compõe a versão abreviada da competência social (escala de avaliação do comportamento) de (SCBE; PJ Lafreniere & JE Dumas, 1995) são apresentados numa amostra pelo Quebec e 3 amostras dos EUA, bem como idade e sexo diferenças na prevalência da parte emocional e problemas de comportamento e competência social ao longo dos anos pré-escolares. Identificaram-se algumas componentes, 3 factores em todas as 4 amostras: competência social (SC): raiva-agressão (AA) e ansiedade de separação (AW). Cada escala é composta por 10-items, demonstrou ter uma boa consistência interna e estabilidade temporal ao longo de um período de 6 meses. Em todas as amostras, meninos foram classificados não sua maioria com tendo uma maior raiva agressão e uma menor competência social em comparação com as meninas que demonstraram uma maior competência social, embora exista diferenças de sexos na ansiedade de separação. Existe uma progressão gradual na competência social com o aumento da idade foi comum em todas as amostras. Comportamentos raiva agressão e ansiedade de separação mostraram um declínio na amostra dos EUA, mas não no Quebec (LaFreniere & Dumas, 1996).

A escala de Competência Social tem uma ampla gama de comportamentos destinados a avaliar as qualidades positivas da adaptação da criança em vez de especificar as competências

comportamentais. O conceito de desenvolvimento da competência social refere-se a comportamentos que indicam uma lado emocional maduro e uma boa adaptação social. No trabalho anterior com a validação SCBE-80 (Lafreniere et al., 1992), o grupo considerado socialmente competente recebeu as indicações mais positivas e o mínimo de indicações negativas dos colegas. Outra pesquisa tem mostrado que crianças que andam no pré-escolar são socialmente mais competentes e tem uma pontuação alta nas avaliações da resiliência do ego, níveis elevados em expressar o afeto positivo e relativamente níveis baixos na expressão afeto negativo, e são muito apreciados e por seus professores, bem como pelos seus pares (LaFreniere & Dumas, 1996).

A raiva e a agressividade são entendidas como sintomas de externalização. Os itens desta escala descrevem a raiva e comportamentos agressivos, egoístas e de oposição (LaFreniere & Dumas, 1996).

A escala, Ansiedade de separação, é composta por itens que descrevem o comportamento ansioso, deprimido, isolado, e excessivamente dependente. Estes itens demonstram o transtorno afetivo ou sintomas de internalização, Estas crianças demonstram menos interativas do que todos os outros grupos, embora não necessariamente negligenciado ou rejeitado por seus pares. De acordo com o padrão de sinais afetivos e comportamentais do desajuste, as crianças com escores extremos nesta escala são vistos por seus professores como triste, deprimido, cansado e preocupado, assim como isolado. Estas crianças mostram pouco interesse nas atividades que seus colegas normalmente se interessam. Estas crianças tendem a ter baixa auto-estima e apresentam altos níveis de imaturidade, já que muitas vezes procuram a atenção de adultos em situações que não exigem atenção e têm dificuldade para realizar tarefas sozinhos desistem facilmente enquanto os outros pares persistem (LaFreniere & Dumas, 1996).

Dadas as amostras extensas de crianças avaliadas neste estudo, estes dados são particularmente importantes em relação às diferenças de idade e sexo. Em todas as amostras, os meninos foram apontados como tendo maior raiva, agressividade e menor nível de competência social do que as meninas, embora nenhuma amostra mostrou ainda uma tendência de diferença entre os sexos na ansiedade de separação. Em conjunto, estes resultados parecem indicar que os meninos, em geral, parecem ter mais dificuldades na adaptação ao pré-escolar em comparação com as meninas, segundo o posto de vista do professor. Também foi considerado que o ambiente pre escolar pode ser mais favorável para o sexo feminino, tendo estas crianças maior facilidade na adaptação. Também foi considerado que os meninos têm geneticamente níveis mais elevados de agressividade (LaFreniere & Dumas, 1996).

Quanto às diferenças de idade, as tendências de desenvolvimento em direção a uma progressão gradual de competência social para meninos e meninas era evidente em ambas as

amostras, o que vai de encontro às expectativas teóricas. Semelhante ao critério de validação para os itens de QI, vemos uma clara tendência linear de aumento da competência social, com a idade (LaFreniere & Dumas, 1996).

### *Objetivos do Presente Estudo*

A separação mãe criança numa perspectiva maternal é o foco deste estudo, neste sentido, pretende-se verificar de que forma a ansiedade de separação materna pode ou não influenciar o desenvolvimento sócio emocional da criança. O desenvolvimento sócio emocional também é um construto bastante abordado ao longo do estudo, como tal, o desenvolvimento sócio emocional diz respeito a todas as competências que a criança adquire ao longo da sua vida através das suas primeiras relações como a relação mãe bebé, de forma, a que esta consiga viver em sociedade mais propriamente em relação com o outro.

Importa assim, relacionar estes dois conceitos e verificar quais os factores que os compõem e quais as suas influencias.

## Método

### *Participantes*

A partir de uma base de dados com  $N= 1776$  sujeitos, foram selecionadas 312 Mães de Crianças com os seguintes critérios: crianças em idade pré-escolar entre os 2 e os 5 anos, as mães eram casadas ou viviam em união de facto e trabalhavam a tempo inteiro ou parcial. Os participantes tinham informação completa das variáveis em estudo (Ansiedade de separação Materna, SCAV, e variáveis sócio-demográficas).

### *Instrumentos*

Para este estudo foram utilizadas duas escalas uma escala de Ansiedade se Separação Materna e uma Escala de Competência Social e de Avaliação do Comportamento.

A Escala de Competência Social e de Avaliação do Comportamento (Anexo A) foi realizada por LaFreniere & Dumas, 1996, esta escala propõe-se a avaliar os padrões de competência social, expressão e regulação emocional e dificuldades de ajustamento em crianças do pré-escolar, este instrumento dirige-se aos pais ou a educadoras. Esta escala avalia três dimensões Competência Social (CS), a Agressividade (A) e o Isolamento (I), contendo cada uma destas sub-escalas dez itens. Os itens por cada dimensão são: Competência Social – 13, 15, 17, 19, 20, 22, 24, 26, 27, 30; Agressividade – 3,4,5,10,11,16,18,25,28,29; Isolamento: 1,2,6,7,8,9,12,14,21,23 (LaFreniere, P & Dumas, J. (1996).

O segundo instrumento utilizado é a Escalda de Ansiedade de Separação Materna (ASM) (Anexo B) foi realizada por (Hock, McBride & Gneza, 1989) que pretende medir a ansiedade de separação materna de acordo com uma escala Likert (desde o discordo totalmente (1) ao concordo totalmente (5). Este é um questionário auto-administrativo constituído por 35 itens (LaFreniere, P & Dumas, J.1996).

Os autores identificaram cinco áreas temáticas, que serviram de base para a elaboração dos itens da escala: **(1)** expressão de sentimentos acerca da separação (e.g., tristeza, preocupação ou culpa); **(2)** desejo de proximidade física; **(3)** atitudes acerca do valor e da importância da exclusividade dos cuidados maternos; **(4)** crenças acerca das capacidades das crianças em se adaptarem e beneficiarem dos cuidados não maternos; **(5)** preocupações acerca das separações causadas pelo emprego materno (LaFreniere, P & Dumas, J.1996).

Os 35 itens, que constituem a escala, formam três subescalas: **1.** Ansiedade Materna de Separação; **2.** Percepção dos Efeitos da Separação na Criança; **3.** Preocupações Acerca da Separação Provocada pelo Emprego (LaFreniere, P & Dumas, J.1996).

A ansiedade materna de separação é uma subescala composta por 21 itens que refletem aspectos da ansiedade materna e sentimentos de culpa resultantes de, ou, em antecipação a ter de deixar a criança. Permite aceder ao nível de conforto relacionado com a proximidade física e emocional com a criança, assim como, ao nível de preocupação com a segurança física e o bem-estar emocional da mesma, nomeadamente, crenças acerca da importância da exclusividade dos cuidados maternos ou preocupações acerca da capacidade das mães para se adaptarem aos cuidados não-maternos. Por exemplo: quando estou longe do meu filho, sinto-me sozinha e tenho muitas saudades dele; gosto de ter o meu filho perto de mim a maior parte do tempo.

Uma mãe com uma cotação baixa, nesta subescala, indica que se preocupa pouco em passar tempo afastada do seu filho e que vivência pouca tristeza ou preocupação (Hock., McBride., & Gneza, 1989).

A segunda subescala diz respeito, á percepção dos efeitos de separação na criança é constituída 7 itens relativos às atitudes e reacções das mães à separação e aos possíveis efeitos positivos da separação nas crianças. Esta dimensão relaciona-se com crenças da mãe sobre a contribuição que os cuidados não maternos poderão ter no desenvolvimento social da criança, ajudando-a a desenvolver competências sociais e autonomia e a tornar-se consciente da existência e a aceitar diferentes valores e pontos de vista. Por exemplo: O contacto com pessoas diferentes é benéfico para o meu filho; "Existem momentos na vida em que as crianças precisam de estar com outras pessoas que não as suas mães (Hock., McBride., & Gneza, 1989). .

Mães que apresentam valores baixos nesta subescala, acreditam que as crianças ficam bem após a sua partida, se adaptam facilmente a ambientes onde elas não estão presentes, e que beneficiam socialmente destas separações (Hock., McBride., & Gneza, 1989).

As preocupações acerca da separação provocada pelo emprego constitui a terceira escala é composta por 7 itens que avaliam as preocupações maternas acerca das separações mãe/criança provocadas pelo emprego, ou seja, tenta avaliar a forma como a mãe equilibra o papel maternal e profissional, exterior ao lar (Hock., McBride., & Gneza, 1989).

Procura conhecer de que modo a mãe atribui importância e o seu interesse por uma carreira, profissão ou ocupação, e pelo seu papel de mãe. Por exemplo: desistiria do meu emprego se tivesse que ficar longe do meu filho; não me arrependeria de adiar a minha carreira para poder ficar em casa com o meu filho (Hock, E., McBride, S., & Gneza, M. 1989)

Valores elevados serão indicadores de que as mães consideram estas separações stressantes (Hock, E., McBride, S., & Gneza, M. 1989)

### *Procedimento*

Inicialmente foi feito o contacto com as escolas no sentido de pedir a autorização da entrega dos questionários nos respectivos estabelecimentos de ensino. Posteriormente foi distribuído nas respectivas escolas os questionários (*ASM* e *SCAV*). O questionário *ASM* foi entregue aos pais e as mães e o *SCAV* para além de ser entregue aos pais e as mães também foi entregue as educadoras. Foi pedido para que os questionários fossem de preenchimento individualmente. Juntamente com o *SCAV* foi uma ficha demográfica. Foi fornecida uma breve explicação do estudo, obtido o consentimento informado, garantida a confidencialidade e preenchido o questionário pelo participante.

### *Recolha de dados*

Os dados para a realização deste estudo foram fornecidos através de uma base de dados cedida pela unidade de investigação de psicologia cognitiva do desenvolvimento e da educação, e que consiste numa parte dos dados recolhidos no projecto: “*O impacto do envolvimento paterno na dinâmica familiar e no desenvolvimento da criança*” PIHM/GC/0008/2008. Projecto de IC&DT financiado pela Fundação da Ciência e Tecnologia no domínio das relações sociais de género e das políticas para a igualdade entre mulheres e homens em Portugal

### *Análise de dados*

Para a realização da análise dos dados recorreu-se ao *software estatístico SPSS v. 20.0*. Inicialmente foram verificadas as estatísticas descritivas para cada instrumento e para as dimensões que a compõe (e.g. *média*, *desvio-padrão*, etc.) assim como a normalidade (através da *curtose* e *achatamento*). Seguidamente observou-se as características psicométricas para o total do instrumento, para cada subescala que o compõe e para cada item (e.g., *alfa de Cronbach*).

Posteriormente realizou-se correlações entre algumas variáveis socio demográficas consideradas importantes (e.g., estado civil, nº de horas diárias que a criança passa na creche...). Foram então utilizadas Anovas e correlações de Person conforme as variáveis que se queriam estudar. Por fim também foram realizadas correlações entre os dois instrumentos, de forma, a verificar se de facto a ansiedade de separação materna está relacionada ou não com a competência social da criança.

## Resultados

Os resultados são apresentados em duas partes. Na primeira parte procedemos a análise da consistência interna das escalas, e a análise das relações entre variáveis sociodemográficas da família e as escalas de MSAS e de SCAV. A primeira parte da análise inclui a base de dados total com  $N= 1776$  sujeitos.

Na segunda parte procedemos a análise da relação entre MSAS e SCAV, incluindo apenas  $N=312$  sujeitos com os critérios acima descritos (ver Participantes).

### ***1-Primeira parte dos Resultados***

Para verificar a consistência interna destes instrumentos, utilizou-se o *Alfa de Cronbach*. Em relação á SCAV obteve um  $\alpha =0,888$  para a dimensão da *Competência Social* o que revela a sua boa consistência interna. No que se refere á dimensão *Agressividade* obteve-se um  $\alpha =0,927$  o que também demonstra a sua boa consistência interna. Por fim a dimensão *Isolamento* obteve um  $\alpha =0,8$  o que demonstra igualmente a sua boa consistência interna. Na sua totalidade a SCAV obteve um  $\alpha =0,780$ .

Também de verificou a consistência interna para a MSAS. Para a dimensão *Ansiedade de Separação Materna* obteve-se um  $\alpha =0,896$  o que revela a sua boa consistência interna. O mesmo se verificou na dimensão *Percepção dos Efeitos da Separação na Criança* com um  $\alpha =0,697$ . Por fim a dimensão *Preocupações acerca da Separação Provocada pelo Emprego* obteve um  $\alpha =0,647$ . Na sua totalidade a escala obteve um  $\alpha =0,843$ .

Na tabela 1 apresentam os resultados relativos á Anova entre a variável sociodemográfica *Estado Civil* e os dois instrumentos utilizados no estudo MSAS E SCAV. Para um nível de significância  $\leq 0.05$  pode-se verificar que existem diferenças significativas no que respeita ao estado civil divorciado/separado e as escalas de ansiedade de separação materna e de preocupação materna com os efeitos da separação devido ao trabalho.

O mesmo se pode verificar entre o estado civil divorciado/separado e a dimensão da agressividade tendo obtido um Sig= 0.03. Estes resultados também estão representados através do gráfico 1 e 2.

Tabela 1

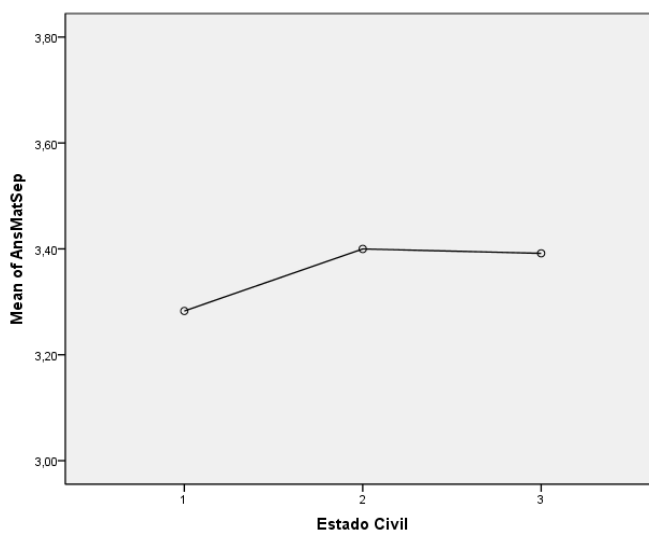
*Relação entre a variável Estado e civil e SCAV E MSAS*

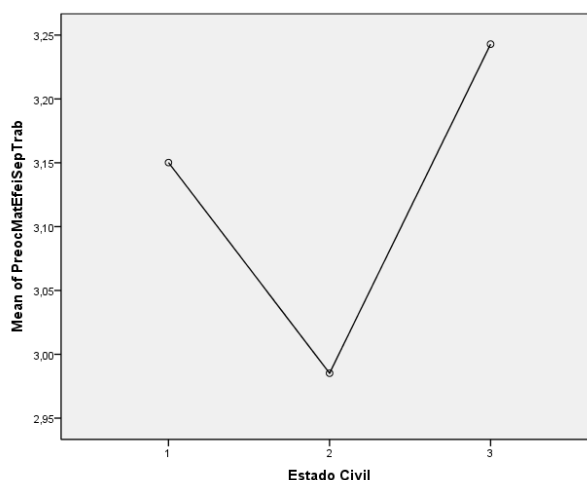
<b>Escala de Ansiedade de Separação Materna (ASM)</b>				
<b>Escalas</b>	<b>Casado</b>	<b>Divorciad o/ Separado</b>	<b>União de Fcato</b>	<b>SIG</b>
Ansiedade de Separação Materna	3,29	3,4	3,4	0,03*
	DP=0,53	DP=0,53	DP=0,61	
Percepção dos Efeitos da Separação na Criança	2,01	2,02	2,07	0,44
	DP=0,50	DP=0,47	DP=0,52	
Preocupações Acerca da Separação Provocada pelo Emprego	3,15	2,98	3,24	0,021
	DP=0,66	DP=0,59	DP=0,63	
<b>Escala de Competência Social (SCAV)</b>				
Competência Social	3,69	3,71	3,52	0,22
	DP=0,96	DP=0,93	DP=0,92	
Agressividade	1,9	1,84	2,16	0,03*
	DP=0,89	DP=0,88	DP=1,14	
Isolamento	1,78	1,7	1,76	0,65
	DP=0,58	DP=0,65	DP=0,59	

\*  $p \leq 0,05$

Figura 1 e 2

*Relação entre a variável Estado e civil e SCAV E MSAS*





Legenda- 1- casado; 2- divorciado/separado; 3- união de facto

Na tabela 2 são apresentados os valores correspondentes á comparação entre médias (Anova) da variável *Idade de Entrada na Creche* e MSAS e o SCAV. Pode verificar que esta variável é bastante significativa. Tendo em conta, que se está a utilizar um  $p \leq 0.05$  existem diferenças significativas no que respeita á idade de entrada na creche e as dimensões ansiedade de separação materna e preocupações acerca da separação provocada pelo emprego. Em relação ao instrumento SCAV existem igualmente diferenças significativas entre a variável idade de entrada na creche e todas as dimensões que compõem o instrumento.

Tabela 2

*Relação entre a variável Idade de Entrada na Creche (ICA) e SCAV E MSAS*

	<b>Ansiedade de Separação Materna</b>	<b>Percepção dos Efeitos de Separação na Criança</b>	<b>Preocupações Acerca da Separação Provocada pelo Emprego</b>
Idade de Entrada na Creche	0,17*	0,021	0,08*
	Competência Social	Agressividade	Isolamento
Idade de Entrada na Creche	0,16*	-0,277*	-0,123*
* $p \leq 0,05$			

Na tabela 3 apresentam-se os valores relativos á variável *Número de Horas Diárias que passa na Creche (Nhoras)* também é uma variável importante para este estudo revelou alguns resultados significativos, pode-se verificar que esta variável correlaciona-se negativamente com todas as dimensões que compõe o instrumento MSAS e com as escalas de Agressividade e Isolamento do SCAV. Considerando-se assim uma variável de importância tanto para ansiedade como na competência social.

Tabela 3

*Relação entre a variável Número de Horas Diárias que Passa na Creche e SCAV E MSAS*

	<b>Ansiedade de Separação Materna</b>	<b>Percepção dos Efeitos de Separação na Criança</b>	<b>Preocupações Acerca da Separação Provocada pelo Emprego</b>
Nº horas que passa na creche	-0,105*	-0,009*	-0,129*
	<b>Competência Social</b>	<b>Agressividade</b>	<b>Isolamento</b>
Nº de horas que passa na creche	0,03	-0,183*	-0,169*
* p≤ 0,05			

Na tabela 4 pode-se verificar que existem diferenças significativas entre o facto de não *Existirem Irmãos* e a dimensão ansiedade de separação materna, tendo-se obtido um valor de Sig= 0.009. Relativamente à dimensão percepção dos efeitos da separação na criança também se verificam valores significativos obteve se um Sig= 0.034. Neste caso este valor refere-se à existência de irmãos, ou seja, mães que tenham mais do que um filho tem um maior valor na escala de percepção dos efeitos de separação. O mesmo não se verifica no instrumento de SCAV, uma vez que, não existem diferenças significativas.

Tabela 4

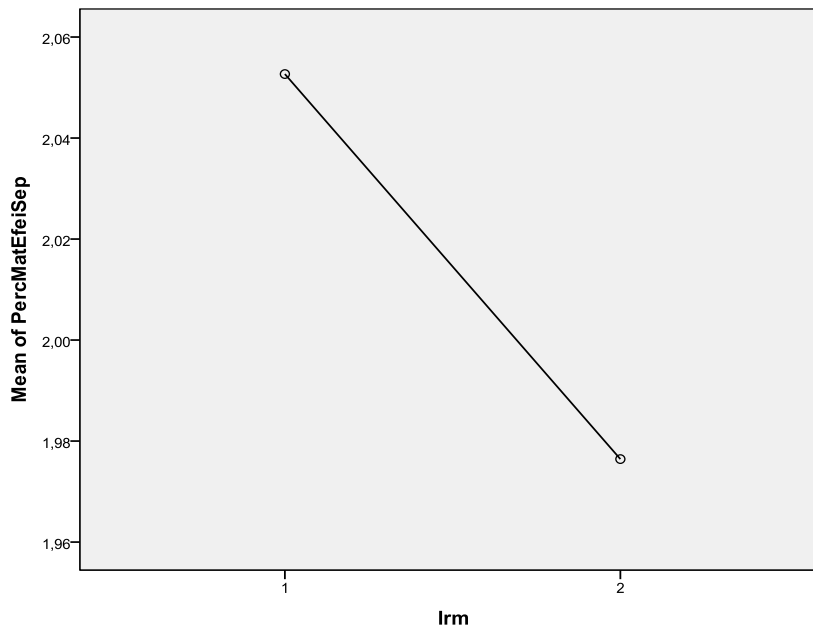
*Existência de irmãos e MSAS e SCAV*

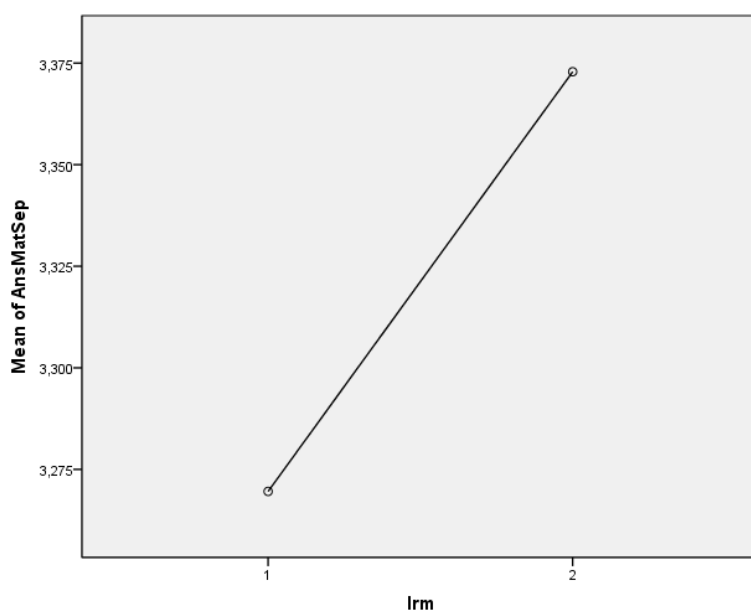
<b>Escala de Ansiedade de Separação Materna (ASM)</b>			
<b>Escalas</b>	<b>Sim</b>	<b>Não</b>	<b>SIG</b>
Ansiedade de Separação Materna	3,27 DP=0,55	3,36 DP=0,53	0,009
Percepção dos Efeitos da Separação na Criança	2,05 DP=0,51	1,98 DP=0,48	0,034
Preocupações Acerca da Separação Provocada pelo Emprego	3,15 DP=0,65	3,14 DP=0,64	0,662
<b>Escala de Competência Social (SCAV)</b>			
Competência Social	3,69 DP=0,95	3,65 DP=0,92	0,71
Agressividade	1,98 DP=0,99	1,92 DP=0,89	0,52
Isolamento	1,76 DP=0,61	1,77 DP=0,60	0,82

\*  $p \leq 0,05$

Figura 3 e 4

*Relação entre a variável existência de irmãos e a dimensão Ansiedade de Separação Materna e Percepção dos Efeitos de Separação na Criança*





Legenda 2- 1- sim existem irmãos; 2- não existem irmão

Na tabela 5 apresentam-se os valores referentes às correlações entre as variáveis *Idade da Mãe e do Pai* e os dois instrumentos utilizados. Podemos assim, verificar que existem correlações significativas entre a idade da mãe e a ansiedade de separação. Relativamente á idade do pai, verificaram-se correlações negativas entre a ansiedade de separação materna, percepção dos efeitos de separação na criança e a agressividade.

Tabela 5

*Relação entre a variável Idade da Mãe e do Pai e SCAV E ASM*

	<b>Ansiedade de Separação Materna</b>	<b>Percepção dos Efeitos de Separação na Criança</b>	<b>Preocupações Acerca da Separação Provocada pelo Emprego</b>
Idade da Mãe	-0,181*	0,046	-0,059
Idade do Pai	-0,083*	0,094*	-0,052
	<b>Competência Social</b>	<b>Agressividade</b>	<b>Isolamento</b>
Idade da Mãe	0,076	-0,031	-0,032
Idade do Pai	0,064	-0,92*	-0,04
* p ≤ 0,05			

Por fim na tabela 6 estão representados os valores de significância relativos a variável *Estatuto Laboral da Mãe*, sendo que existem diferenças significativas entre ansiedade de separação materna e o facto de a mãe não se encontrar a trabalhar revelando assim uma maior ansiedade. Também se pode verificar resultados significativos entre as mães que trabalham a tempo parcial e as suas preocupações acerca da separação provocada pelo emprego obtendo assim um nível de Sig= 0.000. Em relação ao instrumento de SCAV não se encontram diferenças significativas, o mesmo se pode verificar em relação ao tempo de trabalho do pai.

Tabela 6

*Relação entre a Estatuto Laboral da Mãe e MSAS*

Escala de Ansiedade de Separação Materna (ASM)				
Escalas	Não Trabalha	Trabalha a Tempo Inteiro	Trabalha a Tempo Parcial (≤ 5 horas)	SIG
Ansiedade de Separação Materna	3,41 DP=0,61	3,29 DP=0,53	3,33 DP=0,51	0,071
Percepção dos Efeitos da Separação na Criança	2 DP=0,49	2,02 DP=0,49	2,04 DP=0,58	0,896
Preocupações Acerca da Separação Provocada pelo Emprego	3,52 DP=0,66	3,07 DP=0,62	3,09 DP=0,61	0

\* p≤ 0,05

Em seguida, procedeu-se a verificação de diferenças entre os rapazes e raparigas em ambas as escalas como se pode verificar na tabela 7. Pode-se assim concluir que existem diferenças significativas entre os rapazes e raparigas na competência social (sig=0.05) e agressividade (sig= 0.01). Em que as raparigas apresentam um valor mais elevado de no que se refere á competência social. Os rapazes na dimensão da agressividade apresentam um valor mais elevado

Tabela 7

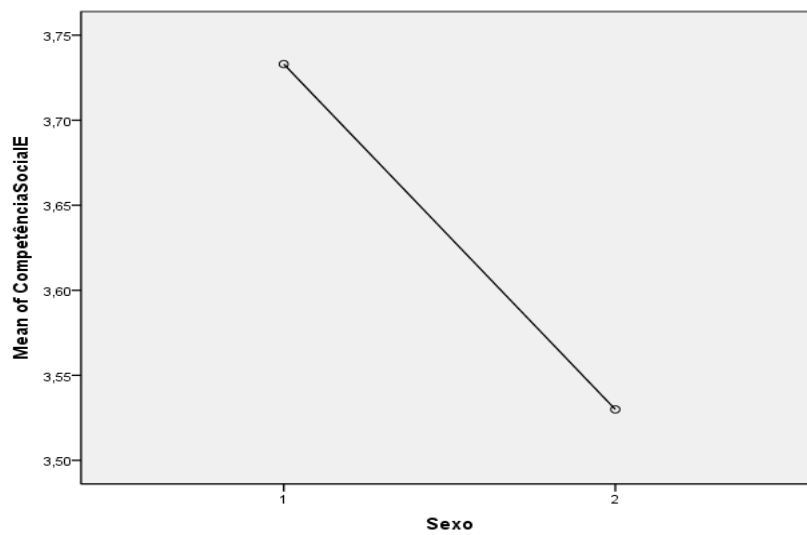
*Relação entre o sexo e a escala MSAS e SCAV*

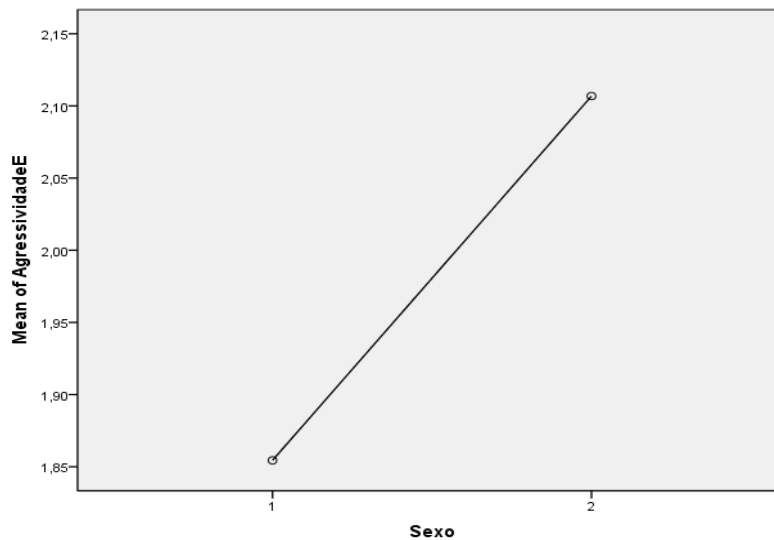
Escala de Ansiedade de Separação Materna (ASM)			
Escalas	Menina	Menino	SIG
Ansiedade de Separação Materna	3,33 DP=0,52	3,25 DP=0,55	0,11
Percepção dos Efeitos da Separação na Criança	2,03 DP=0,49	2 DP=0,50	0,61
Preocupações Acerca da Separação Provocada pelo Emprego	3,05 DP=0,63	3,08 DP=0,59	0,57
Escala de Competência Social SCAV			
Competência Social	3,73 Dp= 0,94	3,53 Dp=0,98	0,05
Agressividade	1,85 Dp=0,84	2,11 Dp=0,98	0,01
Isolamento	1,79 Dp=0,61	1,8 Dp=0,63	0,88

\* p≤ 0,05

Figura 5 e 6

*Relação entre a variável sexo e as dimensões Competência Social e Agressividade*





Legenda 3- 1 sexo feminino; 2- sexo masculino

### ***2-Segunda parte dos Resultados***

Uma vez que tanto a MSAS como o SCAV demonstraram diferenças importantes em função das variáveis sócio-demográficas acima mencionadas, foram selecionadas apenas Mães casadas e com estatuto laboral de trabalho a tempo inteiro ou parcial, e que tinham informação completa nas variáveis em estudo (Ansiedade de separação Materna, SCAV, e variáveis sócio-demográficas)

Na segunda parte procedemos a análise da relação entre MSAS e SCAV, incluindo apenas N=312 sujeitos com os critérios acima descritos (ver Participantes).

Para verificar a relação entre MSAS e SCAV em primeiro lugar foram constituídos grupos de mães com 3 níveis de ansiedade de separação 1-Baixa, 2- Media 3- Alta, a partir da análise dos quartis. Em seguida foram realizadas Anovas para verificar se existem diferenças significativas entre os três grupos de MSAS e as escalas de competência social, agressividade e isolamento do SCAV. Como se pode verificar na tabela 8.

Pode-se verificar que os rapazes filhos de mães com maior ansiedade de separação tem significativamente menos competência social, como se pode verificar no gráfico a baixo. Não foram encontradas diferenças no que se refere as escalas de Agressividade e de Isolamento.

Nas meninas, não foram encontradas diferenças significativas em nenhuma das escalas do SCAV.

Tabela 8

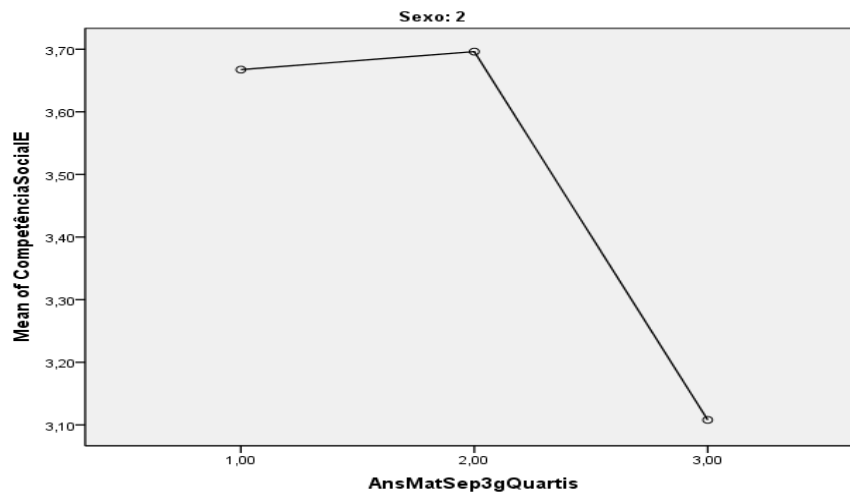
Relação entre os três níveis de MSAS e SCAV

Escalas	Escala de Competência Social (SCAV)			SIG
	Baixa Ansiedad e de Separación	Média Ansiedad e de Separación	Alta Ansiedad e de Separación	
Escala de Competência Social (SCAV)				
Competência Social	3,67 DP=0,96	3,67 DP=0,95	3,11 DP=0,98	0,013
Agressividade	1,93 DP=0,88	2,15 DP=1,01	2,12 DP=1,04	0,529
Isolamento	1,91 DP=0,77	1,72 DP=0,56	1,81 DP=0,68	0,327

\* p ≤ 0,05

Figura 7

Relação entre os dois instrumentos SCAV e ASM (diferentes níveis de ansiedade) e a variável Sexo Masculino



Legenda 4- 1- Baixa Ansiedade de Separação; 2- Média Ansiedade de Separação; 3- Alta Ansiedade de Separação

## Discussão

Com base nos resultados obtidos, podemos concluir que os resultados são parcialmente congruentes com a hipótese de que a ansiedade de separação de materna pode influenciar o desenvolvimento socio emocional da criança.

Ao nível da consistência interna (Alfa de Cronbach) dos dois instrumentos utilizados MSAS e SCAV ambos apresentam bons valores de consistência interna, assim como, as dimensões que os compõe. Estes resultados indicam que os itens constituem bons indicadores dos constructos psicométricos.

Relativamente á variável *Estado Civil* as mães divorciadas/separadas apresentam uma maior ansiedade de separação, que se pode explicar pelo facto de se sentirem sozinhas na educação e nos cuidados dos seus filhos, uma vez que, não contam com a presença diária dos seus maridos não havendo por isso uma partilha das ansiedades sentidas em relação aos seus filhos. Verificou-se também que mães divorciadas/separadas têm filhos mais agressivos, o que se pode justificar pelo facto da educação do seus filhos ser apenas da sua responsabilidade na maior parte do tempo, não tendo estas crianças a presença paterna frequentemente nas suas vidas. Pode-se assim dizer que o estado civil influencia tanto a ansiedade de separação materna da mãe como a agressividade dos filhos. Estes resultados vão de encontro aos resultados encontrados no estudo realizado por Hsu, H. (2004) onde se pode verificar que o comportamento dos pais são influenciados por alguns factores como as próprias características dos pais, contexto social, qualidade da relação conjugal, assim como, o suporte da rede social. (Hsu 2004).

Em relação a *Idade de Entrada na Creche*, pode-se dizer que quanto mais tarde as crianças entram na creche maior a ansiedade de separação das mães. Estes resultados levam-nos a levantar a hipótese que as mães devido a sentimentos de culpa resultantes de ter que deixar a criança na creche, sentimentos de segurança em deixar o seu filho ao cuidado de outras pessoas desconhecidas e da importância dos seus cuidados maternos para o bem-estar do seu filho levam a que estas entrem mais tarde na creche. Mas também em relação as suas preocupações com efeitos de separação provocados pelo trabalho. Neste sentido, pode se verificar que mães que revelam uma elevada ansiedade de separação com efeitos de separação do trabalho tendem a por os seus filhos mais tarde na creche, precisamente devido às suas preocupações, vivendo estas separações como stressantes. No que refere ao SCAV pode verificar que existem resultados significativos em todas as dimensões que compõe a escala, considerando que assim que quanto mais tarde as crianças entram na creche mais competentes se tornam socialmente, existindo por conseguinte menos

agressividade e menos isolamento. Este resultado vai de encontro á teoria de Bowlby que considera que a criança deve estar aos cuidados maternos até aos 18 meses, pois assim a criança tem a possibilidade de fazer as suas explorações recorrendo á figura materna sempre que considera necessário. Proporcionando assim, um espaço securizante onde a criança consegue de forma segura explorar o meio que o rodeia adquirindo competência social. Em contrapartida quanto mais cedo a criança entra na creche mais cedo fica sem os cuidados maternos não conseguindo assim fazer as explorações do meio de uma forma segura, tornando-se numa criança mais insegura. Todos estes factores relacionados entre si influenciam o desenvolvimento socio emocional da criança (Bowlby, J.1984).

Quanto ao *Número de Horas que a Criança passa na Creche* verificou-se que esta variável correlaciona-se negativamente com todas as dimensões que compõe o instrumento MSAS e com as escalas de Agressividade e Isolamento do SCAV. Neste sentido as crianças que passam mais horas na creche tem menos agressividade e isolamento comparativamente com aquelas que passam menos tempo na creche. Pode-se levantar hipótese que este resultado deve-se ao facto de estas crianças não se encontrarem isoladas e passarem o dia numa interação constante com os pares, proporcionando assim o desenvolvimento da sua competência social na sua generalidade. A creche também é um espaço em que estas questões são exploradas através do brincar e do jogo que é realizado com o grupo de pares promovendo assim a interação e uma conduta social. No entanto também se pode verificar que quanto mais ansiosa for a mãe mais cedo tende a ir buscar o seu filho á creche. Este acontecimento pode ser explicado pelo facto de as mães terem sentimentos de culpa pelo facto de terem deixado a criança na creche aos cuidados de outra pessoa. Considerando que deixar a criança aos cuidados não maternos não terá efeitos positivos para os seus filhos. Passando, assim a criança menos horas na creche. O que ira influencia tanto a competência social como a agressividade e isolamento da criança. Tendo assim, consequências para o desenvolvimento socio emocional.

Em relação a *Existência de Irmãos* pode-se levantar a hipótese que mães de filhos únicos têm mais ansiedade de separação. O que se pode justificar pelo facto de nunca ter tido outro filho não tendo experiência de separação nenhuma, vivendo estas separações como stressantes. Verificase a mesma situação relativamente a percepção dos efeitos de separação na criança, ou seja, as mães com apenas um filho são mães que não acreditam que os seus filhos fiquem bem após a sua partida e se adaptem facilmente quando esta não está presente e que beneficiem socialmente destas separações. Relativamente ao SCAV não se encontraram resultados significativos.

A variável *Idade da Mãe e do Pai*, verificou-se que tanto as mães e os pais demonstram alguma ansiedade de separação, o mesmo se verificou em relação ao instrumento de competência

social. Este facto, pode-se justificar pelo facto destes pais se sentirem menos competentes na educação e nos cuidados dos seus filhos devido à sua idade.

Sobre o *Tempo de Trabalho dos Pais* existem diferenças significativas, uma vez que, mães que não se encontram a trabalhar demonstram uma maior ansiedade de separação, o que se justifica pelo facto de se preocuparem na educação dos seus filhos e das suas responsabilidades enquanto mãe no que se refere às responsabilidades económicas. No entanto, estas também se preocupam com efeitos de separação provocados pelo trabalho, uma vez que, pelo facto de não se encontrem a trabalhar e de despenderem de todo o seu tempo nos cuidados dos seus filhos sentem alguma preocupação quando se encontrarem a trabalhar considerando estas separações como stressantes.

Em relação e *diferenças entre géneros* das crianças, pode se verificar que em relação á competência social as raparigas são mais competentes comparativamente com os rapazes. Em relação á agressividade os rapazes são mais agressivos do que as que as raparigas.

Pode também se verificar rapazes filhos de mães com mais ansiedade de separação materna tem significativamente menos competência social.

Também em alguns estudos se pode verificar diferenças entre sexos, num estudo realizado por Figueiredo, 2005 pode-se verificar a relação entre características da mãe como a ansiedade e a depressão e as diferenças de género no comportamento nos primeiros anos de vida. Os investigadores referem que existem consequências específicas da ansiedade materna, a longo prazo, mais propriamente nos dois primeiros anos de vida da criança, o que lava quando ao aumento de problemas de atenção e de perturbações de hiperatividade, principalmente nos rapazes (Figueiredo, 2005).

Foram também relatadas diferenças de género relativamente a depressão materna: uma meta-análise verificou que a depressão materna no período pré-escolar está associada ao predomínio de problemas externalizantes (agressividade) para os meninos (Loureiro & Livia, 2010).

Os resultados do presente estudo no que toca a diferenças de género na competência social em função da ansiedade de separação materna também podem se justificar pelo facto das crianças deste estudo se encontrarem no chamado estado fálico do desenvolvimento psicosssexual. Este estado é de particular importância porque é durante este período que as crianças vão vivenciar o complexo Édipo, e por ser no final desta etapa que a estrutura da personalidade está formada com a existência de um superego. O complexo Édipo é de extrema importância para explicação dos resultados encontrados. Este consiste na atração que o rapaz tem pela mãe, a quem esteve sempre ligado desde que nasceu, e que agora é diferentemente sentida. Uma importante diferença é que a rapariga esteve desde sempre muito ligada á mãe e, nesta idade vai investir na relação com o pai.

Este ponto torna-se importante para compreensão de o facto de as raparigas apresentarem uma maior competência social comparativamente com os rapazes mesmo tendo mães com uma elevada ansiedade de separação. Pode-se assim concluir que no caso das raparigas desde sempre estas estiveram mais ligadas às suas mães do que os rapazes, estando por isso mais habituadas a essa proximidade. Visto estas serem mães com uma elevada ansiedade de separação a proximidade às suas filhas ainda é maior, como tal, as suas filhas não sentem a necessidade de rivalizar com o pai, uma vez que, a proximidade existente é suficientemente securizante não sentido assim medo de perder a figura masculina para a sua mãe, não existindo por isso necessidade rivalizar. A criança não tendo esta preocupação, consegue estar mais disponível para as suas explorações e brincadeiras o que lhe vai permitir uma maior competência social comparativamente com os rapazes que nunca estiveram habituados a essa proximidade excessiva. Necessitando de uma maior adaptação tendo assim um esforço adicional. Neste sentido, ansiedade de separação materna irá influenciar a competência social do rapaz, uma vez que, este tem que se adaptar a esta situação exigindo um maior esforço (Monteiro,2001).

Num estudo realizado por LaFreniere & Sroufe, 1985 também se pode verificar que crianças com uma história de vinculação ansiosa resistente seriam de esperar que estas não conseguissem estabelecer de forma adaptada uma relação com os seus pares. Estas crianças mostraram uma pobreza de exploração e, por vezes, mostraram um comportamento agressivo. Este comportamento é resultado de uma história de cuidados inconstante ou caóticos é de esperar que estas crianças tenham uma baixa auto estima, a falta de disposição para a exploração de objetos, alguma hesitação social e desta forma facilmente se tornam com um estatuto mais baixo em relação aos pares (LaFreniere & Sroufe, 1985). Neste mesmo estudo, os resultados evidenciaram diferenças de género em relação á competência social, ou seja, as meninas com um vinculação segura revelaram ter mais competências social comparativamente com o sexo masculino, isto pode significar que a responsividade da mãe difere em relação ao género e que esta responsividade pode ter consequências na sua adaptação ao grupo de pares (LaFreniere & Sroufe, 1985). Estes resultados vão de encontro aos resultados encontrados no presente estudo, no que se refere á competência social e as diferenças entre género.

Ainda num outro estudo realizado também por LaFreniere & Dumas, 1996 também foram encontradas diferenças entre género e idade. Em todas as amostras, os meninos foram apontados como tendo maior raiva, agressividade e menor nível de competência social do que as meninas, embora nenhuma amostra mostrou ainda uma tendência de diferença entre os sexos na ansiedade de separação. Em conjunto, estes resultados parecem indicar que os meninos, em geral, parecem ter mais dificuldades na adaptação ao pré-escolar em comparação com as meninas. Também foi

considerado que o ambiente pré-escolar pode ser mais favorável para o sexo feminino, tendo estas crianças maior facilidade na adaptação. Também foi considerado que os meninos têm geneticamente níveis mais elevados de agressividade (LaFreniere & Dumas, 1996). Mais uma vez, estes resultados vão de encontro aos encontrados no presente estudo no que se refere á competência social, agressividade face ao sexo.

Algumas limitações deste estudo prendem-se nomeadamente com as próprias características maternas que devem ser tidas em conta. Uma vez que, as próprias características maternas influenciam a ansiedade de separação materna, assim como, características psicológicas e demográficas (ex: relação conjugal, características contextuais). As características das mães pré e pós o nascimento dos seus filhos também devem ser estudados, assim como, a competência maternal. Estas limitações, não permitem, assim, que os dados deste estudo sejam generalizados.

Sugere-se que estudos futuros serão necessários, na medida em que, as próprias características maternas, estado psicólogo e contexto social a própria relação das mães com os seus pais poderam influenciar significativamente a relação com o seus filhos e por conseguinte a sua ansiedade de separação materna. Comprometendo assim, toda a relação de vinculação.

Em suma o presente estudo oferece novos conhecimentos sobre a forma como algumas variáveis sociodemográficas influenciam a ansiedade de separação materna sentida pelas mães e de que forma essa ansiedade pode determinar o desenvolvimento socio emocional da criança. Os resultados do estudo sugerem que em parte a ansiedade de separação materna influencia o desenvolvimento socio emocional da criança em diversos níveis.

## Referências Bibliográficas

- Bowlby, J. (1984). *Apego*. Vol 1., São Paulo: Martins Fontes, pp.3-61
- Bowlby, J. (1984). *Separação, Angustia e Raiva*. Vol 2., São Paulo: Martins Fontes, pp.217-411
- Ferreira, M. (1984). *O Apego e as Reações da Criança á Separação da Mãe* in São Paulo. Faculdade de São Paulo, vol.48, pp.3-19
- Hill, Manuela, Magalhães. (2002). *Investigação por questionário* in Lisboa: Silabo, pp.1-377
- Hock, E., McBride, S., & Gneza, M. (1989). Maternal Separation Anxiety: Mother-Infant Separation from the Maternal Perspective. *Child Development*, 60, 793-802.
- Hsu, H. (2004). *Antecedents and Consequences of Separation Anxiety in First-Time Mothers: Infant, Mother, and Social-Contextual Characteristics* in *Infant Behavior & Development*, USA.27, pp. 113-133
- Mahler, M. (1977). *Nascimento Psicológico da Criança. Simbiose e Individuação*. Rio de Janeiro: Zahar, pp. 197-229
- Marques, T. (2002). *Como Escrever um Relatório de um Estudo Empírico?* in Lisboa, Instituto de Psicologia Aplicada, pp.1-32
- Monteiro, M.& Santos, M. (2001). *Psicologia*. Lisboa: Porto Editora pp.46-56
- LaFreniere, P & Dumas, J. (1996). *Social Competence and behavior evaluation in children ages 3 to 6 Years: The Short Form (SCBE-30)*. *Psychological Assessment*, 8, 369-377.
- LaFreniere, P & Sroufe, L. (1985). *Profiles of Peer Competence in the Preschool: Interrelations Between Measures, Influence of Social Ecology, and Relation to Attachment History* in *American Psychological Association*, vol.21, N° 1, pp. 56-69

Oliveira, D & Torres, N. (2010) *Vinculação e Sistema de Prestação de Cuidados em Dependentes de Substâncias em Tratamento. Adaptação Portuguesa do Questionário de Prestação de Cuidados* in Revista Toxicodependência vol16, pp.3-14

Scher, A. (2008). *Maternal separation anxiety as a regulator of infants' sleep* in Journal of Child Psychology and Psychiatry 49:6 (2008), pp 618–625

Valentina, D. (1998). *Psicoterapia infantil: ilustrando a importância do vínculo materno para o desenvolvimento da criança* in Porto Alegre. Psicologia: Reflexão e Crítica, vol.11, pp.1-8

Veríssimo, M., Alves, S., Monteiro, L & Oliveira, C. (2003). *Ansiedade de Separação Materna e Adaptação Psicossocial ao Pré-Escolar* in Psicologia, Saude & Doença, 4 (2), pp.221-229

Winnicott, D.(1988). *Os Bebés e suas Mães* in London: Free association, pp.1-125

## Anexos

### Materiais

Anexo A – Escala de Competência Social e de Avaliação do Comportamento

Anexo B – Escala de Ansiedade de Separação Materna

Informações complementares sobre as análises de dados efetuadas e que não foram apresentadas no texto principal

Anexo C – Outputs 1-15 (valores da consistência do instrumento SCAV e das dimensões que o compõe)

Anexo D – Outputs 16-33 (valores da consistência do instrumento ASM e todas as dimensões que a compõe)

Anexo E – Output 34 estatística descritiva da variável Idade de Entrada na Creche para o instrumento ASM

Output 35 estatística descritiva da variável Número de Horas diárias que passa na Creche ASM

Output 36 estatística descritiva da variável Idade da Mãe e do Pai ASM

Anexo F – Outputs 37 estatística descritiva da variável Idade de Entrada na Creche para o instrumento SCAV

Output 38 estatística descritiva da Número de Horas Diárias que passa na Creche para o instrumento SCAV

Output 39 estatística descritiva da variável Idade da Mãe e do Pai para o instrumento SCAV

Anexo G- Output 40 correlação entre os dois instrumentos ASM e SCAV

## ANEXO A

### ESCALA DE COMPETÊNCIA SOCIAL E DE AVALIAÇÃO DO COMPORTAMENTO

Código: \_\_\_\_\_ (a preencher pelo investigador)

Data de realização: \_\_\_\_\_

Mãe:      Pai:

Apresenta-se, de seguida, uma lista de comportamentos que poderá observar, quando o seu filho se encontra a brincar com outras crianças. Por favor, coloque um círculo à volta do número que reflete a frequência com que observa o comportamento no seu filho entre: **1 - Comportamento NUNCA OCORRE; 2 ou 3 - ALGUMAS VEZES ; 4 ou 5 - COM FREQUÊNCIA; 6 - SEMPRE.** Para os casos excepcionais em que não é possível fazer uma avaliação, por favor assinale **N - NÃO POSSO AVALIAR.**

1. Mantém uma expressão facial neutra (não sorri ou ri).	1	2	3	4	5	6	N
2. Cansado.	1	2	3	4	5	6	N
3. Frustra-se facilmente.	1	2	3	4	5	6	N
4. Fica zangado quando é interrompida.	1	2	3	4	5	6	N
5. Irritável, zanga-se com facilidade.	1	2	3	4	5	6	N
6. Preocupa-se.	1	2	3	4	5	6	N
7. Tímido, com medo (ex. evita situações novas).	1	2	3	4	5	6	N
8. Triste, infeliz ou depressivo.	1	2	3	4	5	6	N
9. Inibe-se ou não se sente à vontade no grupo.	1	2	3	4	5	6	N
10. Grita ou berra facilmente.	1	2	3	4	5	6	N
11. Força outras crianças a fazerem o que não querem fazer.	1	2	3	4	5	6	N
12. Inactivo, observa as outras crianças a brincarem.	1	2	3	4	5	6	N
13. Negoceia soluções para resolver os conflitos.	1	2	3	4	5	6	N
14. Permanece à parte, isolado do grupo.	1	2	3	4	5	6	N
15. Toma em consideração as outras crianças e os seus pontos de vista.	1	2	3	4	5	6	N
16. Ataca, bate ou dá pontapés a outras crianças.	1	2	3	4	5	6	N
17. Cooperava com outras crianças.	1	2	3	4	5	6	N

18. Entra em conflito com outras crianças.	1	2	3	4	5	6	N
19. Conforta ou dá assistência a outras crianças em dificuldade.	1	2	3	4	5	6	N
20. Tem cuidado com os brinquedos.	1	2	3	4	5	6	N
21. Não fala ou não interage com as outras crianças.	1	2	3	4	5	6	N
22. É cuidadoso com as crianças mais novas.	1	2	3	4	5	6	N
23. Passa despercebido no grupo.	1	2	3	4	5	6	N
24. Trabalha facilmente em grupo.	1	2	3	4	5	6	N
25. Bate ou destrói “coisas” quando está zangado consigo próprio.	1	2	3	4	5	6	N
26. Ajuda nas tarefas diárias (ex. ajuda a arrumar).	1	2	3	4	5	6	N
27. Aceita compromissos quando lhe são apresentadas razões.	1	2	3	4	5	6	N
28. Opõe-se às suas sugestões.	1	2	3	4	5	6	N
29. Quando é repreendido, tem uma atitude de desafio.	1	2	3	4	5	6	N
30. Tem prazer naquilo que consegue fazer.	1	2	3	4	5	6	N

## ANEXO B

### Escala de Ansiedade de Separação Materna

Código: \_\_\_\_\_ (a preencher pelo técnico)

Data de realização: \_\_\_\_\_

Mãe:    Pai:

As afirmações seguintes são pontos de interesse e preocupações para as mães. Responda às afirmações de acordo com o que sente neste momento. Leia cada afirmação e faça um círculo à volta do número que traduz a sua opinião.

	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>
	<b>Discordo Fortemente</b>	<b>Discordo</b>	<b>Concordo Pouco</b>	<b>Concordo</b>	<b>Concordo Frequentemente</b>
1 - Quando estou longe do meu filho sinto falta de o abraçar e de lhe pegar ao colo.	1	2	3	4	5
2 - O meu filho é mais feliz comigo do que com a ama ou com a educadora.	1	2	3	4	5
3 - As crianças têm medo quando estão num local novo sem a mãe.	1	2	3	4	5
4 - A minha vida não estaria completa sem uma carreira profissional.	1	2	3	4	5
5 - Se uma criança é independente e extrovertida, é capaz de fazer amigos facilmente, sem a ajuda da mãe.	1	2	3	4	5
6 - Quando estou longe do meu filho, penso muitas vezes se as suas necessidades físicas (trocar de fralda, comida suficiente, etc.) estão a ser satisfeitas.	1	2	3	4	5
7 - Segurar e abraçar o meu filho faz-me sentir tão bem que, quando estou afastada dele, sinto realmente falta da sua proximidade física.	1	2	3	4	5
8 - Preocupo-me mais com a segurança física do meu filho do que a educadora ou a ama.	1	2	3	4	5
9 - Será difícil para o meu filho adaptar-se a outra pessoa que tome conta dele.	1	2	3	4	5
10 - Abdicaria do meu emprego se este me obrigasse a ficar afastada do meu filho.	1	2	3	4	5
11 - O meu filho beneficia de experiências de grupo (i.e., creche, jardim de infância) já que lhe proporcionam experiências sociais que ele não tem em casa.	1	2	3	4	5
12 - Quando não estou com o meu filho, sinto-me sozinha e sinto muito a sua falta.	1	2	3	4	5

13 - Só uma mãe sabe como consolar o seu filho quando este está perturbado.	1	2	3	4	5
14 - É provável que uma criança fique perturbada quando é deixada com uma ama ou a educadora.	1	2	3	4	5
15 - Tenho um plano sistemático sobre como vou construir a minha carreira profissional.	1	2	3	4	5
16 - É bom para o meu filho passar algum tempo longe de mim para que ele possa aprender a lidar com pessoas desconhecidas e situações novas.	1	2	3	4	5
17 - Na maior parte do tempo, gosto de ter o meu filho comigo.	1	2	3	4	5
18 - Sou naturalmente melhor a manter o meu filho em segurança do que qualquer outra pessoa.	1	2	3	4	5
19 - Acredito que o meu filho sente a minha falta quando tenho de o deixar entregue a alguém por algum tempo.	1	2	3	4	5
20 - A carreira ou o emprego dão-me imensa satisfação pessoal.	1	2	3	4	5
21 - Mesmo que o meu filho se agite um pouco quando saio, sei que ele ficará bem poucos minutos depois de eu o deixar.	1	2	3	4	5
22 - Não gosto de deixar o meu filho.	1	2	3	4	5
23 - O meu filho prefere estar comigo mais do que com qualquer outra pessoa.	1	2	3	4	5
24 - O meu filho fica assustado e com medo quando não está comigo.	1	2	3	4	5
25 - Não me arrependeria de adiar a minha carreira para poder ficar em casa com o meu filho.	1	2	3	4	5
26 - O meu filho precisa de estar algum tempo longe de mim para que desenvolva um sentido de independência.	1	2	3	4	5
27 - Quando estou separada do meu filho, penso se ele está a chorar e se sente a minha falta.	1	2	3	4	5
28 - Não me divirto quando estou longe do meu filho.	1	2	3	4	5
29 - Preocupa-me o facto de o meu filho nunca estar completamente bem fora de casa, se eu não estiver com ele.	1	2	3	4	5
30 - As crianças são muito exigentes e eu, muitas vezes, desejava ter mais tempo para a minha carreira.	1	2	3	4	5
31 - O contacto com pessoas diferentes é bom para o meu filho.	1	2	3	4	5
32 - Preocupo-me quando é outra pessoa que trata do meu filho.					
33 - Se pudesse escolher entre trabalhar a tempo inteiro ou ficar em casa com o meu filho, escolhia ficar em casa.	1	2	3	4	5
34 - Há momentos na vida das crianças pequenas em que elas precisam de estar com outras pessoas que não as suas mães.	1	2	3	4	5

35 - Quando estou longe do meu filho, preocupo-me se a ama ou a educadora é, ou não, capaz de confortar o meu filho se ele estiver sozinho ou aborrecido. 1 2 3 4 5

## ANEXO C

Output 1 e 2

*Consistência Interna do Instrumento SCAV*

### Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	591	50,3
	Excluded <sup>a</sup>	585	49,7
	Total	1176	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Output 2

### Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,780	30

Output 2, 3,4,5 e 6

*Consistência Interna da Dimensão Competência Social*

Output 2

### Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	449	38,2
	Excluded <sup>a</sup>	727	61,8
	Total	1176	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Output 3

### Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,888	10

Output 4

**Item Statistics**

	Mean	Std. Deviation	N
SCAV1E13	2,47	1,235	449
SCAV1E15	2,95	1,362	449
SCAV1E17	3,53	1,323	449
SCAV1E19	3,12	1,398	449
SCAV1E20	3,57	1,389	449
SCAV1E22	3,78	1,433	449
SCAV1E24	4,09	1,387	449
SCAV1E26	3,94	1,365	449
SCAV1E27	4,02	1,459	449
SCAV1E30	4,90	1,137	449

Output 5

**Item-Total Statistics**

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
SCAV1E13	33,88	79,228	,460	,887
SCAV1E15	33,41	75,126	,588	,879
SCAV1E17	32,82	75,218	,606	,878
SCAV1E19	33,23	72,192	,704	,871
SCAV1E20	32,78	73,170	,664	,874
SCAV1E22	32,57	73,714	,614	,877
SCAV1E24	32,26	73,229	,662	,874
SCAV1E26	32,42	75,315	,578	,880
SCAV1E27	32,33	70,821	,730	,869
SCAV1E30	31,45	77,199	,619	,878

Output 6

**Scale Statistics**

Mean	Variance	Std. Deviation	N of Items
36,35	90,867	9,532	10

Output 7,8,9 e 10

*Consistência Interna da Dimensão Agressividade*

Output 7

**Case Processing Summary**

		N	%
Cases	Valid	497	42,3
	Excluded <sup>a</sup>	679	57,7
	Total	1176	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Output 8

**Item Statistics**

	Mean	Std. Deviation	N
SCAV1E03	2,16	1,268	497
SCAV1E04	2,00	1,179	497
SCAV1E05	2,21	1,274	497
SCAV1E10	1,94	1,191	497
SCAV1E11	1,76	1,077	497
SCAV1E16	1,97	1,247	497
SCAV1E18	2,31	1,280	497
SCAV1E25	1,53	1,049	497
SCAV1E28	1,73	1,020	497
SCAV1E29	1,79	1,237	497

Output 9

**Item-Total Statistics**

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
SCAV1E03	17,25	69,508	,648	,923
SCAV1E04	17,40	69,482	,710	,920
SCAV1E05	17,20	66,932	,780	,916
SCAV1E10	17,46	69,584	,696	,921
SCAV1E11	17,64	70,839	,708	,920
SCAV1E16	17,43	67,653	,761	,917
SCAV1E18	17,09	67,705	,735	,919
SCAV1E25	17,87	71,458	,692	,921
SCAV1E28	17,67	71,572	,708	,920
SCAV1E29	17,61	67,969	,752	,918

Output 10

**Scale Statistics**

Mean	Variance	Std. Deviation	N of Items
19,40	84,830	9,210	10

Output 11,12,13,14 e 15

*Consistência Interna da Dimensão Isolamento*

Output 11

**Case Processing Summary**

		N	%
Cases	Valid	478	40,6
	Excluded <sup>a</sup>	698	59,4
	Total	1176	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Output 12

**Reliability Statistics**

Cronbach's Alpha	N of Items
,776	10

Output 13

**Item Statistics**

	Mean	Std. Deviation	N
SCAV1E01	2,23	1,361	478
SCAV1E02	1,78	,890	478
SCAV1E06	2,69	1,385	478
SCAV1E07	2,14	1,249	478
SCAV1E08	1,47	,787	478
SCAV1E09	1,74	1,092	478
SCAV1E12	1,42	,807	478
SCAV1E14	1,43	,821	478
SCAV1E21	1,38	,966	478
SCAV1E23	1,61	1,052	478

Output 14

**Item-Total Statistics**

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
SCAV1E01	15,67	31,603	,261	,789
SCAV1E02	16,12	32,066	,455	,756
SCAV1E06	15,21	36,175	-,039	,833
SCAV1E07	15,76	27,524	,638	,727
SCAV1E08	16,42	31,746	,573	,747
SCAV1E09	16,16	28,528	,663	,727
SCAV1E12	16,47	30,803	,669	,736
SCAV1E14	16,47	31,453	,578	,745
SCAV1E21	16,51	31,026	,510	,749
SCAV1E23	16,29	29,945	,556	,742

Output 15

**Scale Statistics**

Mean	Variance	Std. Deviation	N of Items
17,90	37,446	6,119	10

## ANEXO D

Output 16, 17, e 18

*Consistência interna do instrumento ASM*

Output 16

**Case Processing Summary**

		N	%
Cases	Valid	692	58,8
	Excluded <sup>a</sup>	484	41,2
	Total	1176	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Output 17

**Reliability Statistics**

Cronbach's Alpha	Cronbach's Alpha Based on Standardized Items	N of Items
,843	,838	35

Output 18

**Summary Item Statistics**

	Mean	Minimum	Maximum	Range	Maximum / Minimum	Variance	N of Items
Item Means	3,049	1,773	4,460	2,686	2,515	,549	35
Item Variances	,895	,349	1,433	1,084	4,103	,066	35

Output 19,20,21,22 e 23

*Consistência Interna da dimensão Ansiedade de Separação Materna*

Output 19

**Case Processing Summary**

		N	%
Cases	Valid	743	63,2
	Excluded <sup>a</sup>	432	36,8
	Total	1175	100,0

**Case Processing Summary**

		N	%
Cases	Valid	743	63,2
	Excluded <sup>a</sup>	432	36,8
	Total	1175	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Output 20

**Reliability Statistics**

Cronbach's Alpha	N of Items
,896	21

Output 21

**Item Statistics**

	Mean	Std. Deviation	N
ASM1M01	4,46	,697	743
ASM1M02	3,56	1,097	743
ASM1M03	3,46	,991	743
ASM1M06	3,62	1,113	743
ASM1M07	4,21	,816	743
ASM1M08	3,00	1,137	743
ASM1M09	2,69	,967	743
ASM1M12	3,61	1,047	743
ASM1M13	3,29	1,051	743
ASM1M14	2,84	,934	743
ASM1M17	4,31	,681	743
ASM1M18	3,16	1,038	743
ASM1M19	3,76	,811	743
ASM1M22	3,43	,990	743
ASM1M23	3,45	,969	743
ASM1M24	2,25	,840	743
ASM1M27	2,87	1,080	743
ASM1M28	2,59	,960	743
ASM1M29	2,63	1,020	743
ASM1M32	3,02	,951	743
ASM1M35	3,03	1,042	743

Output 22

**Item-Total Statistics**

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
ASM1M01	64,78	128,204	,394	,894
ASM1M02	65,68	123,384	,423	,894
ASM1M03	65,78	124,260	,437	,893
ASM1M06	65,62	120,094	,556	,890
ASM1M07	65,03	124,285	,547	,890
ASM1M08	66,24	121,511	,483	,892
ASM1M09	66,55	124,930	,418	,894
ASM1M12	65,63	120,506	,579	,889
ASM1M13	65,95	120,907	,558	,890
ASM1M14	66,39	123,679	,498	,891
ASM1M17	64,92	129,446	,322	,895
ASM1M18	66,08	120,641	,578	,889
ASM1M19	65,48	125,546	,478	,892
ASM1M22	65,81	122,654	,514	,891
ASM1M23	65,78	122,919	,514	,891
ASM1M24	66,99	125,280	,474	,892
ASM1M27	66,37	119,949	,583	,889
ASM1M28	66,64	121,631	,584	,889
ASM1M29	66,61	120,397	,602	,888
ASM1M32	66,22	121,430	,599	,889
ASM1M35	66,20	121,345	,544	,890

Output 23

**Scale Statistics**

Mean	Variance	Std. Deviation	N of Items
69,24	134,904	11,615	21

Output 24,25,26,27 e 28

*Consistência Interna da dimensão Percepção dos Efeitos da Separação na Criança*

Output 24

**Case Processing Summary**

		N	%
Cases	Valid	841	71,6
	Excluded <sup>a</sup>	334	28,4
	Total	1175	100,0

**Case Processing Summary**

		N	%
Cases	Valid	841	71,6
	Excluded <sup>a</sup>	334	28,4
	Total	1175	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Output 25

**Reliability Statistics**

Cronbach's Alpha	N of Items
,697	7

Output 26

**Item Statistics**

	Mean	Std. Deviation	N
ASM1M05	1,88	,719	841
ASM1M11	1,86	,892	841
ASM1M16	1,99	,837	841
ASM1M21	1,88	,647	841
ASM1M26	2,33	,985	841
ASM1M31	1,84	,661	841
ASM1M34	2,30	,922	841

Output 27

**Item-Total Statistics**

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
ASM1M05	12,20	9,906	,270	,695
ASM1M11	12,22	9,236	,298	,694
ASM1M16	12,09	8,777	,437	,655
ASM1M21	12,20	10,023	,294	,689
ASM1M26	11,75	7,751	,534	,624
ASM1M31	12,24	9,043	,545	,636
ASM1M34	11,78	8,182	,496	,637

Output 28

**Scale Statistics**

Mean	Variance	Std. Deviation	N of Items
14,08	11,646	3,413	7

Output 29,30,31,32 e 33

*Consistência Interna da Dimensão Preocupações acerca da Separação Provocada pelo Emprego*

Output 29

**Case Processing Summary**

		N	%
Cases	Valid	805	68,5
	Excluded <sup>a</sup>	371	31,5
	Total	1176	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Output 30

**Reliability Statistics**

Cronbach's Alpha	N of Items
,647	6

Output 31

**Item Statistics**

	Mean	Std. Deviation	N
ASM1M04_naoinvertido	2,3938	1,06748	805
ASM1M10	4,0894	,95128	805
ASM1M15	3,0758	,96736	805
ASM1M20	2,4497	,92721	805
ASM1M25	3,5702	1,06696	805
ASM1M33	3,2323	1,18739	805

Output 32

**Item-Total Statistics**

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
ASM1M04_naoinvertido	16,4174	9,637	,468	,569
ASM1M10	14,7217	11,430	,239	,650
ASM1M15	15,7354	11,478	,223	,656
ASM1M20	16,3615	10,301	,456	,579
ASM1M25	15,2410	9,817	,437	,582
ASM1M33	15,5789	9,224	,449	,575

Output 33

**Scale Statistics**

Mean	Variance	Std. Deviation	N of Items
18,8112	13,875	3,72488	6

ANEXO E

Output 34

*Resultados da estatística descritiva da variável Idade de Entrada na Creche para o instrumento ASM*

**Descriptive Statistics**

	Mean	Std. Deviation	N
AnsMatSep	3,3101	,54575	878
PercMatE feiSep	2,0217	,50075	878
PreocMatE feiSepT rab	3,1549	,64836	877
Ica	23,87	15,532	1034

Output 35

*Resultado da estatística descritiva da variável Número de Horas Diárias que passa na Creche para o instrumento ASM*

**Descriptive Statistics**

	Mean	Std. Deviation	N
AnsMatSep	3,3126	,54645	826
PercMatE feiSep	2,0239	,49873	826
PreocMatE feiSepT rab	3,1524	,64867	825
Nhoras	7,97	1,418	1067

Output 36

*Resultado da estatística descritiva da variável Idade da Mãe e do Pai para instrumento ASM*

**Descriptive Statistics**

	Mean	Std. Deviation	N
AnsMatSep	3,3126	,54645	826
PercMatE feiSep	2,0239	,49873	826
PreocMatE feiSepT rab	3,1524	,64867	825
Idm	34,26	4,867	1087
Idp	36,55	5,901	1085

## ANEXO F

## Output 37

*Estatística descritiva da variável Idade de Entrada na Creche para o instrumento SCAV*

**Descriptive Statistics**

	Mean	Std. Deviation	N
Ica	23,86	15,549	977
CompetênciaSocialE	3,6547	,94737	527
AgressividadeE	1,9505	,95321	528
IsolamentoE	1,7628	,59235	527

## Output 38

*Estatística descritiva da variável Número de Horas Diárias que passa na Creche para o instrumento SCAV*

**Descriptive Statistics**

	Mean	Std. Deviation	N
CompetênciaSocialE	3,6547	,94737	527
AgressividadeE	1,9505	,95321	528
IsolamentoE	1,7628	,59235	527
Nhoras	7,97	1,418	1067

## Output 39

*Estatística descritiva da variável Idade da Mãe e do Pai para o instrumento SCAV*

**Descriptive Statistics**

	Mean	Std. Deviation	N
CompetênciaSocialE	3,6447	,95367	539
AgressividadeE	1,9467	,94648	540
IsolamentoE	1,7753	,60334	539
Idm	34,25	4,911	1155
Idp	36,56	5,929	1151

ANEXO G

Output 40

Correlação entre os dois instrumentos ASM e SCAV

Correlations

		AnsMatSep	PercMatEfeiSep	PreocMatEfeiSepTrab	Competência SocialE	Agressividade E	IsolamentoE
AnsMatSep	Pearson Correlation	1	,067	,218**	-,043	-,029	,010
	Sig. (1-tailed)		,065	,000	,222	,305	,427
	N	508	508	508	320	320	320
PercMatEfeiSep	Pearson Correlation	,067	1	,131**	-,022	,000	-,032
	Sig. (1-tailed)	,065		,002	,347	,499	,284
	N	508	508	508	320	320	320
PreocMatEfeiSepTrab	Pearson Correlation	,218**	,131**	1	-,069	-,040	,010
	Sig. (1-tailed)	,000	,002		,109	,238	,432
	N	508	508	508	320	320	320
Competência SocialE	Pearson Correlation	-,043	-,022	-,069	1	-,386**	-,203**
	Sig. (1-tailed)	,222	,347	,109		,000	,000
	N	320	320	320	350	350	350
AgressividadeE	Pearson Correlation	-,029	,000	-,040	-,386**	1	,077
	Sig. (1-tailed)	,305	,499	,238	,000		,076
	N	320	320	320	350	350	350
IsolamentoE	Pearson Correlation	,010	-,032	,010	-,203**	,077	1
	Sig. (1-tailed)	,427	,284	,432	,000	,076	
	N	320	320	320	350	350	350

\*\* . Correlation is significant at the 0.01 level (1-tailed).